



**UNIVERSIDADE FEDERAL DA PARAÍBA
CENTRO DE EDUCAÇÃO
CURSO DE LICENCIATURA EM PEDAGOGIA**

Luciana Mariz Tavares de Albuquerque

**O CAMINHO DO FILOSOFAR E O
MITO DE EROS E PSIQUE**

**João Pessoa - PB
2018**

Luciana Mariz Tavares de Albuquerque

**O CAMINHO DO FILOSOFAR E O
MITO DE EROS E PSIQUÊ**

Trabalho de Conclusão de Curso apresentado ao Curso de Licenciatura Plena em Pedagogia, do Centro de Educação (CE), da Universidade Federal da Paraíba (UFPB), como requisito para a obtenção do grau de Licenciada em Pedagogia.

Orientador: Prof. Dr. Edson Carvalho Guedes

**João Pessoa - PB
2018**

Ficha catalográfica

A345c Albuquerque, Luciana Mariz Tavares de.

O CAMINHO DO FILOSOFAR E O MITO DE EROS E PSIQUÊ /
Luciana Mariz Tavares de Albuquerque. - João Pessoa,
2019.

61 f. : il.

Orientação: Prof Dr Edson Carvalho Guedes Guedes.
Monografia (Graduação) - UFPB/de Educação.

1. Iniciação Filosófica. Ensino de Filosofia. Mito. I.
Guedes, Prof Dr Edson Carvalho Guedes. II. Título.

UFPB/BC



UNIVERSIDADE FEDERAL DA PARAÍBA
CENTRO DE EDUCAÇÃO
CURSO DE LICENCIATURA EM PEDAGOGIA

O CAMINHO DO FILOSOFAR E O MITO DE EROS E PSIQUÊ

Luciana Mariz Tavares de Albuquerque

TCC aprovado em: 1º de novembro de 2018.

Conceito: APROVADO

BANCA EXAMINADORA

Prof. Dr. Edson Carvalho Guedes
Orientador

Prof. Dr. Fernando César Bezerra de Andrade
Examinador

Prof. Dr. Fernandes Antônio Brasileiro Rodrigues
Examinador

Para Solange, que me ensinou a ouvir estrelas.

AGRADECIMENTOS

À minha avó, Solange, que tão cedo me possibilitou ter um mundo interno povoado de histórias e cheio de vida, o que me despertou a curiosidade e me ligou eternamente aos símbolos e à religiosidade em seu sentido mais real. Também a Natã pelo companheirismo, amor e apoio incondicional, sem os quais essa jornada não seria a mesma e ao professor Edson pelo exemplo de amor pela docência, humanidade e gentileza infinitos.

*“Sapere aude!”
(Ousa saber!)*

RESUMO

O Ensino de Filosofia pode ser uma prática bastante desafiadora, principalmente no contexto em que vivemos. Faz-se urgente pensar um processo educativo capaz de formar cidadãos conscientes, independentes e aptos a pensar por si mesmos, de forma crítica e autônoma, livres de preconceitos ou crenças limitantes. Nesse sentido, o ensino de filosofia, ou melhor ainda, o ensino do filosofar, pode suscitar nos alunos uma mente inquieta, crítica, sensível, que os leve a formular as grandes perguntas e os coloque em busca das grandes respostas, sendo capazes de refletir e argumentar de forma racional e coerente. Acreditando que podemos fazer uso da mitologia para melhor compreender o complexo processo de ensino-aprendizagem da prática do filosofar. Buscamos neste trabalho estabelecer uma analogia entre o processo de iniciação ao filosofar e o mito de Eros e Psiquê. O objetivo, portanto, desta pesquisa é o de estabelecer uma analogia entre o processo de iniciação ao filosofar e o mito de Eros e Psiquê. Para alcançar esse objetivo, buscamos compreender o percurso intelectual que é desenvolvido pelo sujeito que inicia a vida filosófica, buscando compreender o significado da narrativa mitológica com vistas a extrair possíveis aproximações com o itinerário intelectual de uma pessoa que inicia a vida filosófica. Para tanto, foi feita uma pesquisa do tipo bibliográfica, com vistas a responder esses questionamentos. A partir dos textos estudados foi possível construir uma analogia de cinco atitudes necessárias à pessoa que se propõe a filosofar: a admiração, a dúvida, a consciência da situação limite, a comunicação e, por fim, uma postura ética, própria de daquele(a) alcançou a maturidade filosófica. A aproximação com mito de Eros e Psiquê possibilitou identificar na personagem Psiquê o percurso feito pelo(a) iniciante na filosofia. Psiquê inicia sua jornada com a admiração que o povo tinha em relação a ela por conta da sua extraordinária beleza. Psiquê segue sua história em direção à perda da ingenuidade e faz a experiência de um amor sem medida, mas uma amante que não pode conhecer em sua totalidade, assim como ocorre com o(a) filósofo(a) que ama a sabedoria, um sabedoria impossível de ser dominada. Mas esta relação de deleite é rompida com o surgimento da dúvida. Psiquê passa a alimentar um dúvida em relação ao ser amado e busca, mesmo correndo risco, conhecer o amor que não se mostra. A dúvida provoca uma mudança radical na história de Psiquê e uma trazido à luz o rosto do amante, este se afasta, pois o desvelar da verdade instaura uma fratura na relação entre os amantes. Assim também ocorre com o(a) jovem filósofo(a), uma vez insuflada a dúvida em sua consciência, jamais voltará a ser o(a) mesmo(a). Psiquê apartada do seu amado, cai em sua miséria e toma consciência da condição limitada em que se encontra. O filósofo também, assim como afirma K. Jaspers, é alguém que tem consciência da sua situação-limite. Consciente da condição de indigência, Psiquê se dirige a Afrodite, a única capaz reaproximá-la do seu amado, e se coloca à sua disposição, a serviço do Amor. Trata-se de uma condição de total esvaziamento e é a partir daí que inicia o processo de transformação ou de metamorfose de Psiquê. Também para o(a) filósofo(a), o sinal de maturidade é a compreensão de que a verdade não é a simples adesão a proposições coerentes e fundamentadas. A verdade maior ou mais transcendente é aquela em o(a) filósofo(a) põe-se a serviço do outro, assim como propõe o filósofo Emmanuel Lévinas.

Palavras-chave: Iniciação Filosófica. Ensino de Filosofia. Mitologia. Eros e Psiquê.

ABSTRACT

Philosophy teaching can be a very challenging practice, particularly in the context we live in. It's urgent to think an educational process capable of shaping conscious citizens, independents and able to think in a critical and autonomous way, free of prejudice or limiting beliefs. Philosophy teaching, or better yet, philosophize teaching, might arouse on the students a restless, critical, sensitive mind, able to leads them to ask big questions and to pursuit big answers, being able to meditate and debate rationally and consistently. Believing that it's possible to make use of mythology to better learn the complex process of the philosophize teaching-learning practice we've tried to establish an analogy between the philosophize initiation process and the myth of Eros and Psyche. So, this research's objective is to establish an analogy between the philosophize initiation process and the Greek myth of Eros and Psyche. To reach for this goal, we've tried to have a better comprehension of the intellectual path which is developed by whoever begins the philosophical life, also trying to understand the narrative's mythological meaning on our way to make an approximation with the intellectual itinerary of those who initiate the philosophical life. To do so, we've done a bibliographic research, trying to answer those questions. After the text studies it was possible for us to create an analogy with five necessary attitudes for those who want to philosophize: admiration, doubt, the conscious of the limit situation, communication and also, an ethical posture, natural of those who had reached the philosophical maturity. The approximation with Eros and Psyche's myth made possible for us to identify on Psyche's character the path of the philosophy initiate. Psyche initiates her journey because of the people's admiration towards her dazzling beauty. Then she continues on her path towards the ingenuity's lost, living the experience of a profound love, but with a lover that she can't actually meet in his totality, as the philosopher who loves the wisdom without being able to reach for it. The delight is broken when doubt arrives. Psyche now doubts of her lover and has the need to know, so she tries to know him even taking a risk that is to know the lover that doesn't shows itself. This doubt leads to a turning point on her story because when she sees her lover's face, he leaves her, since the unveiled truth brooks their relationship. The same thing happens with the philosopher that once in doubt, won't ever be the same. Psyche, parted from her lover, falls from grace, and is aware of the limit situation she's in. As K. Jasper says, the philosopher will at some point stand on the same spot, full aware of his or hers limitations and before a limit situation. Hopeless, Psyche decides to give herself in to Aphrodite's service, longing to be reunited with her lover, she's now a Love's servant. This is an emptiness state, where she has to undress herself and only then it begins the metamorphosis's process. The philosopher also has to come to this point of awareness, knowing now that the true philosophical maturity is not being able to do coherent and logical statements, but as Emmanuel Lévinas teaches us, finding the more transcendent truth of them all is to put ourselves as servants of others in a movement towards the otherness.

Key-words: Philosophical initiation. Philosophy teaching. Mythology. Eros and Psyche.

LISTA DAS ILUSTRAÇÕES

Figura 1: A autora.....	16
Figura 2: Psiquê – Guillaume Seignac.....	26
Figura 3: Cupido e Psiquê - Baron François Gerard.....	26
Figura 4: O nascimento de Vênus – Cabanel.....	27
Figura 5: Zéfiro e Flora - William Bouguereau.....	28
Figura 6: Ninfas e Sátiro (Pã) – William Bouguereau.....	28
Figura 7: O retorno de Perséfone - Lord Frederick Leighton.....	29
Figura 8: Perséfone - Steven Mackey.....	29
Figura 9: Hera - Autor desconhecido.....	30
Figura 10: Zeus - Autor desconhecido.....	31
Figura 11: O rapto de Proserpina - Gian Lorenzo Bernini.....	32
Figura 12: Hermes - Autor desconhecido.....	33
Figura 13. Psiquê - Jean-Baptiste Greuze.....	34
Figura 14. O casamento de Psiquê - Edward Burne-Jones.....	35
Figura 15. Psiquê entrando no jardim de Cupido – Waterhouse.....	36
Figura 16. Cupido e Psiquê - Middleton Alexander Jameson.....	40
Figura 17. Pã conforta Psiquê - Reinhold Begas.....	41
Figura 18. Psiquê abandonada - Jacques-Louis David.....	42
Figura 19. Psiquê nos templos - Burne-Jones.....	43
Figura 20. Psiquê diante do trono de Afrodite – Henrietta Rae.....	44
Figura 21. Psiquê no Hades - Autor desconhecido.....	45
Figura 22. Psiquê abrindo a caixa dourada - John William Waterhouse	46
Figura 23. O arrebatamento de Psiquê – Bouguereau.....	47
Figura 24. Psiquê abandonada - Pietro Tenerani.....	48
Figura 25. As irmãs de Psiquê - Autor desconhecido.....	50
Figura 26. Amor e Psiquê - Reinhold Begas.....	51

SUMÁRIO

1	INTRODUÇÃO	11
2	ITINERÁRIO METODOLÓGICO	13
3	A FILOSOFIA E O FILOSOFAR	15
3.1	Sobre o conceito de analogia	15
3.2	O que entender por filosofia	16
3.3	O exercício do filosofar	19
4	O MITO DE EROS E PSIQUE E A BUSCA PELA SABEDORIA	22
4.1	O que entender por Mito	22
4.2	O mito de Eros e Psiquê	24
4.2.1	Os personagens do mito	24
4.2.2	A narrativa do Mito	33
5	A INICIAÇÃO FILOSÓFICA A PARTIR DO MITO EROS E PSI- QUÊ	47
6	CONSIDERAÇÕES FINAIS	55
7	REFERÊNCIAS	58

INTRODUÇÃO

Graças à minha avó, mesmo antes de aprender a ler e escrever, meu universo já era povoado de livros, contos, causos, canções populares e mitos. Sendo uma grande mulher que amava e valorizava a cultura, ela costumava nos contar todos os tipos de histórias, principalmente antes de irmos dormir. Foram incontáveis as vezes em que eu adormeci pensando em como seria o Davi de Michelangelo, em como os egípcios haviam construído as pirâmides, em como alguém poderia sentir uma ervilha embaixo de sete colchões, transformar sapos em flores e em como Psiquê podia amar tanto a Eros, a ponto de dedicar sua vida inteira a buscá-lo.

O mito de Eros e Psiquê veio primeiro até mim em um dos livros que minha avó fazia questão de, mesmo com sacrifício, nos prover. Eu o li inúmeras vezes durante toda a minha infância, sempre da forma como as crianças leem, sem apreender as chaves simbólicas, mas absorvendo intuitivamente a importância e riqueza de seu conteúdo. Mesmo ali, a saga de Psiquê, uma das pouquíssimas heroínas gregas existentes, já me inquietava.

Mais tarde, como voluntária da Escola de filosofia Nova Acrópole (uma organização sem fins lucrativos que visa aproximar a filosofia das pessoas que não necessariamente querem fazer uma graduação na área), tive a oportunidade de estudar mitologia e me encantei pela área.

O mito de Eros e Psiquê voltou a mim nesse momento de outra forma. Com as chaves de leitura que a mitologia me propiciou, eu pude perceber a imensa riqueza e as inúmeras possibilidades de analogias e de interpretações que os mitos nos proporcionam. Pude ver que os mitos, longe de serem histórias inventadas ao acaso, falam, na verdade, sobre as nossas vidas. Nós somos os protagonistas dessas histórias e nelas podemos encontrar as chaves de superação das provas cotidianas.

Somados a essas experiências o ingresso na universidade e o início da formação pedagógica, comecei a refletir sobre as possíveis conexões a serem feitas entre a vida acadêmica, o processo de ensino-aprendizagem, o ensino de filosofia e a mitologia. Como professora voluntária da Nova Acrópole, comecei a utilizar os mitos como forma de fazer analogias durante as aulas e o resultado se mostrou bastante positivo, já que os símbolos alcançam fazer enxergar em algum nível, as realidades para as quais as palavras faltam ou são insuficientes.

O Ensino de Filosofia é uma prática bastante desafiadora, principalmente no contexto em que vivemos. Na já chamada “Era da pós-verdade”, quando as pessoas cada vez mais se guiam por apelos à emoção e às crenças pessoais em detrimento dos fatos objetivos, em que as mídias sociais são terreno fértil para as “fake news”, assistimos assustados o mundo ser moldado por uma população incapaz de diferenciar, minimamente, o que é real do que não é.

Faz-se urgente pensar um processo educativo capaz de formar cidadãos conscientes, independentes e aptos a pensar por si mesmos, de forma crítica e autônoma, livres de preconceitos ou crenças limitantes. Nesse sentido, o ensino de filosofia, ou melhor ainda, o ensino do filosofar, pode suscitar nos alunos uma mente inquieta, crítica, sensível, que os leve a formular as grandes perguntas e os coloque em busca das grandes respostas, sendo capazes de refletir e argumentar de forma racional e coerente.

Acreditando que podemos fazer uso da mitologia para melhor compreender o complexo processo de ensino-aprendizagem da prática do filosofar, buscamos neste trabalho estabelecer uma analogia entre o processo de iniciação ao filosofar e o mito de Eros e Psiquê. Portanto, o objetivo da pesquisa é pensar as analogias possíveis de serem feitas entre o percurso educacional de uma pessoa que inicia a vida filosófica e o mito de Eros e Psiquê.

Para alcançar esse objetivo, buscamos compreender o percurso intelectual que é desenvolvido pelo sujeito que inicia a vida filosófica, buscando compreender o significado da narrativa mitológica com vistas a extrair possíveis aproximações com o itinerário intelectual de uma pessoa que inicia a vida filosófica. Para tanto, foi feita uma pesquisa do tipo bibliográfica, com vistas a responder esses questionamentos.

O presente trabalho está dividido: em itinerário metodológico, referencial teórico sobre a filosofia, o ensino de filosofia e o exercício do filosofar, uma breve apresentação sobre a ideia de mito e sua validade para o mundo contemporâneo, uma apresentação do mito de Eros e Psiquê com seus personagens, seguido pela narrativa do mito em si e finalizando com uma aproximação entre a o mito de Eros e Psiquê e os caminhos do filosofar como contribuição para o processo de ensino-aprendizagem.

2 ITINERÁRIO METODOLÓGICO

Uma pesquisa científica pode ser definida como “procedimento racional e sistemático que tem como objetivo proporcionar respostas aos problemas que são propostos. A pesquisa desenvolve-se por um processo constituído de várias fases, desde a formulação do problema até a apresentação e discussão dos resultados” (GIL, 2007, p. 17).

A pesquisa pode ser classificada a partir de vários critérios. Gil (2007) apresenta dois principais modos de classificar, a partir dos *objetivos* e a partir dos *procedimentos técnicos utilizados*. Considerando o objetivo desta pesquisa, é possível compreendê-la como *pesquisa exploratória*, pois busca uma aproximação inicial em relação ao tema proposto. Neste sentido, visa tornar explícita uma reflexão que foi sendo construída na associação de um conjunto de ideias, leituras e intuições.

A partir da perspectiva técnica utilizada, esta pesquisa é do tipo *bibliográfica*, uma vez que foi feita “a partir do levantamento de referências teóricas já analisadas, e publicadas por meios escritos e eletrônicos” (FONSECA, 2002, p. 32).

O objetivo geral desta pesquisa foi o de estabelecer uma analogia entre o processo de iniciação ao filosofar e o mito de Eros e Psiquê. E a problematização central pode ser formulada com a seguinte interrogação: que analogias são possíveis de serem feitas entre o percurso educacional de uma pessoa que inicia a vida filosófica e o mito de Eros e Psiquê?

Com vista a alcançar este objetivo e responder esta questão central, propomos-nos os seguintes objetivos específicos:

- Compreender o percurso intelectual que é desenvolvido pelo sujeito que inicia a vida filosófica.
- Compreender o significado da narrativa mitológica enquanto possibilidade de dar sentido às experiências humanas.
- Analisar o mito Eros e Psiquê com vistas a extrair possíveis aproximações com o itinerário intelectual de uma pessoa que inicia a vida filosófica.

Por se tratar de uma pesquisa bibliográfica, buscamos desenvolver uma reflexão entorno de temas que consideramos importantes, tais como: analogia, filosofia e as origens do filosofar, mito enquanto conceito e o mito de Eros e Psiquê.

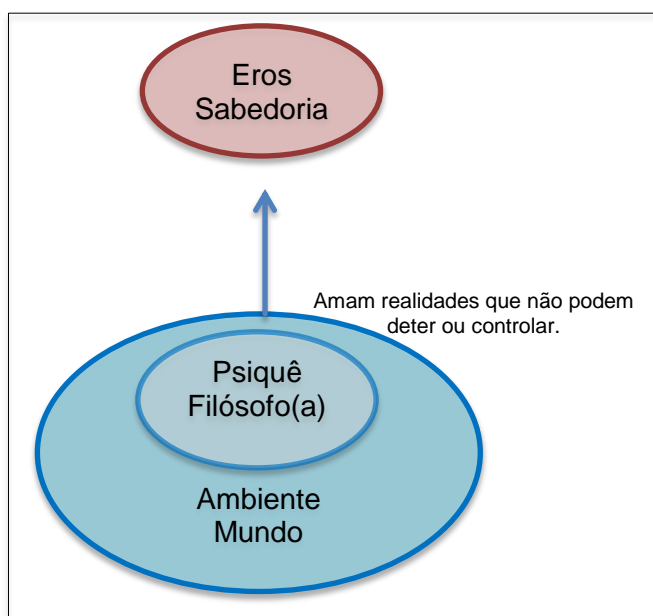
3 A FILOSOFIA E O FILOSOFAR

3.1 Sobre o conceito de analogia

O conceito de *analogia* não é dos mais fáceis na tradição filosófica. Platão e Aristóteles já haviam tratado desta questão, mas o debate em torno deste conceito permanece até os dias de hoje. Martins (2012), citando Höffding, define *analogia* como “semelhança de relações entre dois objetos, semelhança que não se baseia em propriedades particulares ou em partes desses objetos, mas em relações recíprocas entre essas propriedades ou essas partes” (MARTINS, 2012, p. 6).

Acreditamos que este conceito já nos seja suficiente, pois apresenta o duplo aspecto, da *semelhança* e da *diferença*, que constitui o procedimento analógico. Nesta pesquisa, buscamos, justamente, identificar semelhanças entre o modo de existir presente em duas situações de vida, bastante diferentes, mas semelhantes existencialmente. A existência de Psiquê acontece por um conjunto de vivências. Defendemos, neste trabalho, que tais experiências se assemelham às experiências vividas pelo sujeito que inicia a vida filosófica. As semelhanças que apresentamos entre o processo de iniciação ao filosofar e o mito de Eros e Psiquê podem ser representadas no seguinte esquema:

Figura 1: Esquema da analogia entre o mito Eros e Psiquê e a iniciação filosófica



Fonte: A autora

Seguindo as ideias de Karl Jaspers (1998) sobre as origens do filosofar, reconhecemos que o caminho percorrido pelo sujeito que inicia a vida filosófica passa pela admiração, a dúvida, a consciência da situação-limite e, por fim, a comunicação. Esta última atitude é enriquecida pela filosofia de Emmanuel Lévinas, que compreende essa comunicação como relação de cuidado e responsabilidade em relação ao outro. A analogia que propomos é por meio da identificação de quatro atitudes ou experiências vividas por Psiquê. Sua epopeia começa com a experiência de admiração, não dela em relação ao outro, mas dos outros em relação a ela própria; segue este momento à experiência da dúvida que visa conhecer ou iluminar o ser amado; faz a experiência de indignação, um doloroso processo de encontro consigo mesmo, apartada do amado e, por fim, com vistas a reatar sua relação com o Amor, assume uma postura de serviçal do Amor. É quando alcança a maturidade e se metamorfoseia.

Tanto o mito de Eros e Psiquê como a filosofia humanista de Karl Jaspers trazem uma visão otimista em relação ao Amor, ao Conhecimento e ao próprio ser humano. Para ambas narrativas ou discursos, subjaz uma visão de que o ser humano, ao se aproximar do Amor ou da Verdade, se transforma, tornando-se uma pessoa melhor, para si e para os outros.

3.2 O que entender por filosofia?

Etimologicamente, a palavra Filosofia remete a duas palavras gregas, *Philos*, que significa o tipo de amor que não deseja possuir e *Sophia*, que significa Sabedoria. Ou seja, o filósofo é aquele que ama a Sabedoria sem, entretanto, ter a pretensão de possuí-la (JASPERS, 1998, p. 18). O filósofo sabe que seu objeto de estudo, a verdade total acerca da realidade, é intangível. Como conhecer a totalidade do ser, se este mesmo não é fixo, se está em contínuo movimento? E até mesmo aquele que tenta conhecer, o filósofo, também não é fixo.

Sendo assim, não se busca aqui uma definição para a filosofia e sim, uma aproximação à ideia que nos possibilite uma reflexão sobre a importância da mesma para a educação e, em especial, para aquele(a) que principia uma vida filosófica.

Apesar de seu início ter sido na Grécia antiga (séc. VI aC), sua origem enquanto impulso primeiro, que leva os seres humanos ao início do processo do filosofar, está no espanto (*Thaumázein*), na admiração diante das grandes e pequenas questões da vida e diante da própria existência em si (JASPERS, 1998).

Além do espanto, Jaspers (1998) reconhece que também a *dúvida* e a *comoção do homem* ou a *experiência da situação limite* constituem “a fonte de onde dimana o impulso do filosofar” (JASPERS, 1998, p. 23).

Essa ideia de o princípio da filosofia estar no espanto nos mostra que, ao contrário do que muitas vezes se pensa, seu nascimento se dá no cotidiano, na vida. Dessa primeira admiração e perplexidade diante das questões da existência surgem a dúvida e a crítica, como uma tentativa de encontrar sentido para esses problemas. Heidegger, em seu famoso texto “*Que é isto, a filosofia?*”, afirma:

[...] o espanto é *arché* – ele perpassa qualquer passo da filosofia. O espanto é *páthos*. Traduzimos habitualmente *páthos* por paixão, turbilhão afetivo. Mas *páthos* remonta à *pàschein*, sofrer, aguentar, suportar, tolerar, deixar-se levar por, deixar-se con-vocar por. [...] Somente se compreendermos *páthos* como dis-posição (*dis-position*), podemos também caracterizar melhor o *thaumázein*, o espanto. No espanto detemo-nos. É como se retrocedêssemos diante do ente pelo fato de ser e de ser assim e não de outra maneira. (HEIDDEGER, 2009, p. 30).

A origem do filosofar, portanto, encontra-se nesta atitude que o sujeito assume diante das coisas e acontecimentos da vida, numa posição de abertura, deixando-se *con-vocar por*, com uma *dis-posição para*. Neste sentido, a filosofia nasce precisamente da ausência de domínio, quando diante de algo que não compreendemos, pomo-nos nas pontas dos pés, tentando enxergar um pouco além, temos a alma e a mente abertas para tentar buscar respostas. Essa postura de perplexidade diante do desconhecido e sua subsequente postura de esvaziamento em busca da verdade, sem pretensão de domínio, talvez seja o que podemos chamar de nascimento da filosofia ou do espírito filosófico.

Sendo assim, não poderíamos limitar seu nascimento à Grécia (apesar de se considerar esse como o seu berço enquanto ciência organizada) já que todos os povos em épocas distintas foram postos diante desse mesmo estado de assombro diante dos mistérios e buscaram, assim como os gregos, respostas para suas questões.

Para além disso, temos ainda o assombro diante do próprio ser e da existência em si mesma. Se tomarmos o exemplo clássico de uma pessoa que ao olhar para as estrelas questiona-se sobre a existência e natureza mesma das coisas sobre o princípio e propósito de tudo, podemos adicionar a esse assombro a própria consciência de si, que lhe permite ver-se vendo tudo isso e observar-se observando o céu e questionando.

Seguindo a reflexão de Jaspers acerca das origens do filosofar, após o *espanto* e/ou a *admiração*, surge a *dúvida*. Mesmo acumulando conhecimentos, tomamos consciência de que nada é seguro se não passar pelo crivo da razão. “As percepções dos sentidos, as normas do pensamento ou do entendimento enredam-se em insolúveis contradições” (JASPERS, 1998, p. 24). Para Jaspers (1998), um autêntico filosofar terá que passar pela dúvida.

A terceira atitude citada por Jaspers é a consciência de si mesmo e da própria situação. Citando o estoico Epiteto, Jaspers afirma “a origem da filosofia é a tomada de consciência da nossa fraqueza e impotência” (JASPERS, 1998, p. 25).

Certifiquemo-nos da nossa situação humana. Estamos sempre em determinadas situações. Estas modificam-se, surgem novas oportunidades; se as desperdiçamos, não tornam a oferecer-se. Por mim posso agir para alterar a situação. Há, porém, situações que se mantêm essencialmente idênticas, mesmo quando a sua aparência momentânea se modifica e se oculta a sua a sua força avassaladora: tenho que morrer, tenho que sofrer, tenho que lutar, estou sujeito ao acaso e incorro inelutavelmente em culpa. A estas situações fundamentais da nossa existência damos o nome de “situações-limite”. Quer isto dizer que são situações que não podemos transpor nem alterar. A tomada de consciência destas situações-limite é, após o espanto e a dúvida, a origem mais profunda da filosofia (JASPERS, 1998, p. 26).

Para Jaspers, através das situações-limite, quando assumidas realmente, “re-adquirimo-nos a nós próprios por uma metamorfose da nossa consciência do ser” (JASPERS, 1998, p. 26).

O filosofar, portanto, pode ser compreendido como um modo de ser no mundo, aberto, e admiração ao que está a sua volta, consciente que as respostas que se apresentam para as nossas interrogações precisam ser colocadas sob o crivo da razão e, por último, a consciência de que o ser humano é frágil, está sujeito a uma série de situações e experiências que põem limite ao seu existir.

3.3 O exercício do filosofar

Muito se tem discutido sobre as diferenças entre ensinar filosofia e ensinar a filosofar. Qual dessas duas abordagens pedagógicas devemos tomar e, definida a eleita, que métodos utilizaremos para lográ-la? Tentar delimitar essa questão nos leva a refletir sobre o próprio sentido da filosofia em si. Entretanto, como o objetivo desse trabalho não é definir ou tentar conceituar a ideia do que é filosofia, mas sim, pensar o processo em que o(a) jovem se envolve para começar a filosofar, ressaltaremos apenas a impossibilidade de se pensar uma filosofia sem um espírito aberto (como já foi dito) e sem um pensamento crítico. Como nos diz Ramos:

(...) um sentido fortemente consensual parece impregnar o conhecimento filosófico: é desejável que ele seja crítico, pois, assim, não se deixa dormir na senda das verdades dogmáticas, como também se afasta da vala comum das visões de mundo simplistas e ingênuas. Ao mesmo tempo, é bom que a filosofia se apresente como um conjunto sistemático de idéias com rigor conceitual e especificidade terminológica. (RAMOS, 2007, p. 198).

É inegável para filósofos e educadores a relevância do ensino de filosofia na formação humana. Porém, sendo tão diversa e complexa a gama de correntes filosóficas, pensadores, conceitos e definições, como poderíamos, então, chegar a uma ideia única sobre o ensino de filosofia?

Dois grandes pensadores da história do pensamento ocidental, Kant e Hegel, defendiam cada qual uma visão diferente acerca do tema.

As suas idéias suscitaram derivações pedagógicas que são inerentes à forma como eles produziram filosofia: pelo aspecto crítico na lição que Kant nos lega; e pelo aspecto sistemático de um saber que se consubstancia como a razão de ser de um determinado momento da história, apreendido pela filosofia, e cuja realidade efetiva permite compreendê-lo racionalmente, segundo o ensinamento de Hegel. (RAMOS, 2007, p. 199).

Ambos foram durante toda a vida educadores e debruçaram-se sobre as ideias do ensino de filosofia/filosofar, trazendo consigo a bagagem da teoria e da prática, não apenas da filosofia, como também do ensino.

Para Kant a arte de governar e a arte de ensinar seriam as duas invenções mais difíceis do homem, sendo a educação considerada, entretanto, como o problema mais importante e difícil que o homem teria como tarefa (RAMOS, 2007).

Um dos princípios das ideias de Kant sobre o tema se refere ao ideal de perfectibilidade do gênero humano. Sendo passível de aprender o que lhe faz falta, o homem é, portanto, capaz de, através da educação, aperfeiçoar-se cada vez mais e o eixo norteador para essa educação deve ser pautado no próprio ideal de humanidade. Para o pensador, as crianças devem ser ensinadas, não para o mundo como ele é no presente, mas para o mundo possível e ideal.

Por ter a capacidade de aperfeiçoar-se, o homem teria, conseqüentemente, o dever de fazê-lo, e a educação seria a mestra capaz de orientá-lo para tal, principalmente no que concerne à moralidade. Dessa forma, seria possível construir um mundo cada vez melhor a cada geração seguinte: “a produção filosófica destes pensadores traduz a possibilidade seja de uma filosofia crítica que nos incita a aprender a filosofar (Kant), seja de um saber sistemático que nos estimula a aprender a filosofia (Hegel)” (RAMOS, 2007).

É preciso estimular o aluno a alcançar uma capacidade de pensamento crítico-filosófico, apreendido no exercício do filosofar, sem descartar, entretanto, o ensino dos conteúdos firmados pelos inúmeros sistemas filosóficos da história.

Concebendo a filosofia como caminho para a formação do ser humano, outro filósofo que pode nos ajudar é Emmanuel Lévinas (1905-1995). Para este filósofo “toda filosofia procura a verdade” (LÉVINAS, 1997, p. 201). Porém, ele identifica dois caminhos que a tradição construiu nesta busca pela verdade. O primeiro, para ele, seria a adesão às proposições, resultante de uma investigação livre. Este caminho ele denomina de *autonomia*. O segundo caminho, Lévinas chama de *heteronomia* (ou alteridade). Neste, a verdade implica uma experiência. A verdade seria, para este filósofo, “uma relação com uma realidade distinta dele, uma realidade *outra*. ‘Absolutamente outra’ [...] A verdade implicaria, mais do que uma exterioridade, a transcendência. A filosofia ocupar-se-ia do absolutamente diferente, seria a própria heteronomia” (LÉVINAS, 1997, p. 201-202).

É nosso objetivo, nesta pesquisa, estabelecer uma analogia entre o processo de iniciação ao filosofar e o mito de Eros e Psiquê. Neste capítulo procuramos esclarecer a compreensão que temos acerca da filosofia e da possibilidade de o sujeito filosofar. Seguindo as reflexões de Jaspers, Lévinas, Kant e Hegel foi possível compreender que a filosofia não é um saber a ser apropriado por meio de um ensino conteudístico, em que a memorização assume papel preponderante. Mais do que

reter conteúdos, o que importa é iniciar um caminho de conhecimento da própria existência, admirando, duvidando e metaforseando-se por meio das próprias situações-limite. É neste sentido que consideramos que o mito de Eros e Psiquê pode nos ajudar a alargar e/ou aprofundar a experiência de alguém que esteja disposta a iniciar a vida filosófica. O mito apresenta a história de Psiquê que foi admirada, foi instigada a duvidar e metaforseou-se a partir da sua experiência de total limite e carência existencial. Apresentamos, a seguir, o mito de Eros e Psiquê com a esperança de demonstrar que a vida de Psiquê e a vida do(a) iniciante na filosofia contém enriquecedoras similaridades.

4 O MITO DE EROS E PSIQUÊ E A BUSCA PELA SABEDORIA

A compreensão da origem do filosofar, entendido aqui, como atitude de reflexão crítica, que busca a verdade, mesmo consciente que esta não poderá ser totalmente dominada, pode ser feita por vários caminhos, assim como já o fizeram vários filósofos. Nesta pesquisa, buscamos compreender o processo de construção da reflexão filosófica (o filosofar), fazendo uma analogia com o mito de Eros e Psiquê. Acreditamos que, assim como nos propõe Boaventura de S. Santos (2008, p. 72), “a ciência pós-moderna é uma ciência assumidamente analógica”. Trata-se de superar o esquematismo lógico-matemático e mecanicista que foi predominante na ciência moderna hegemônica. Ao relacionar a origem do filosofar com o mito de Eros e Psiquê, acreditamos nos aproximar de uma experiência humana possível de ser realizada tanto para o acadêmico como para o cidadão comum. O filosofar seria, assim, um dado próprio do humano, enquanto ser que busca uma relação amorosa, em que o(a) amado(a) não pode ser apreendido, compreendido totalmente ou dominado. Nas palavras de Lévinas, uma busca pela verdade que se configura numa experiência transcendental, em que o sujeito põem-se em relação com uma realidade totalmente outra. (LÉVINAS, 1997)

Neste sentido, o mito de Eros e Psiquê pode nos ajudar, por analogia, a compreender o processo em que está envolvido o sujeito que inicia a prática do filosofar. Apresentaremos, inicialmente, o conceito de mito e, em seguida, a narrativa mitológica. Posteriormente, faremos uma desconstrução do mito, buscando identificar os elementos que mais podem nos ajudar a fazer esta relação entre o *amor do filósofo à sabedoria* com o *amor de Psiquê em relação a Eros*.

4.1 O que entender por mito

Atualmente a palavra mito (do grego, *mythós*, discurso, mensagem, palavra, assunto, invenção, lenda, relato imaginário) está comumente associada à ideia de algo falso, fantasioso, irreal, histórias fantásticas utilizadas pelos povos antigos para explicar os mistérios do mundo.

Entretanto, já desde o século XX que estudiosos lançaram sobre o tema um novo olhar, muito diferente de como ele era visto no século XIX, por exemplo, quando o mito era considerado pelos eruditos como nada mais que uma fábula. Nomes como Jung, Joseph Campbell e Mircea Eliade resgataram o mito em seu sentido original, vendo-o não apenas como uma história verdadeira dentro da dimensão na qual vivem e para a qual nasceram, mas, além disso, preciosa por sua capacidade de traduzir temas intrinsecamente humanos e complexos em uma linguagem simbólica, possível de ser compreendida (ELIADE, 1972).

Nessa nova perspectiva, os mitos ganham um outro valor já que “ajudam a perceber uma dimensão da realidade humana e trazem à tona a função simbolizadora da imaginação.” (CHEVALIER; GHEERBRANT, 1995, p. 612). Para os autores, o mito não “pretende transmitir a verdade científica, mas expressar a verdade de certas percepções.” (CHEVALIER; GHEERBRANT, 1995, p. 612). Ou seja, o mito, ao valer-se de uma linguagem simbólica, é capaz de, se não traduzir, ao menos sugerir chaves de leitura para a compreensão de uma parte da realidade humana longe do alcance da razão, mas fundamental para entendermos melhor a nós mesmos e à nossas vidas.

Para Junito Brandão, grande nome da mitologia no Brasil, “o mito é um ingrediente vital da civilização humana; longe de ser uma fabulação vã, ele é, ao contrário, uma realidade viva (...)” (MALINOWSKI *apud*. BRANDÃO, 1986, p. 41). Realidade esta, que o autor acreditava satisfazer a profundas necessidades de compreensão próprias do ser humano.

Além disso, servindo de alegoria, na tentativa de fazer ponte entre o imenso poder de fixação das imagens mitológicas na psique e a tentativa de entendimento de algo complexo de ser apreendido através do discurso científico, o mito pode servir como valioso recurso didático. Ainda para Brandão, apesar de valer-se de uma linguagem religiosa, ao fazer uso de imagens tão inteligentemente ligadas e ricas em simbolismos, pode ser uma preciosa ferramenta para o discurso racional já que: “o mito acabou por viver uma vida própria, a meio caminho entre a razão e a fé. Até os filósofos quando o raciocínio atingiu o seu limite, recorreram a ele como a um modo de conhecimento capaz de comunicar o incognoscível.” (GRIMAL, *apud* BRANDÃO, 1986, p. 14).

É nesse sentido que pretendemos analisar o mito no presente trabalho, buscando estabelecer uma ligação entre as suas imagens e símbolos e o caminho percorrido pelo(a) filósofo(a) como forma de compreendermos melhor as etapas dessa jornada. Pedimos licença ao leitor para apresentar uma versão do mito que, mesmo sendo resumida, ocupa várias páginas desse trabalho. Além do mito, apresentamos também uma descrição acerca dos principais personagens e os seus significados dentro da narrativa.

4.2 O mito de Eros e Psiquê

O mito que apresentamos é um resumo da redação apresentada por Apuleio, do livro *O Asno de Ouro* (APULEIO, 1969).

Apuleio, como ficou conhecido em língua portuguesa o filósofo e escritor satírico romano Lucius Apuleius (125–164), nascido em Madaura, na Munídia, atual Argélia, foi educado em Cartago e Atenas e viajou por todo o Mediterrâneo estudando sobre ritos de iniciação e cultos. Era reconhecido como um profundo conhecedor de autores gregos e latinos e ensinou retórica antes de regressar a África para casar-se com uma rica viúva.

Sua obra mais famosa, o livro *O Asno de Ouro* ou *A Metamorfose*, como ele primeiro o nomeou e cujo título ainda pode ser encontrado em algumas versões atuais, conta a história de um jovem chamado Lucius que é transformado em asno e tenta recuperar a forma humana, o que só logra por intervenção da deusa egípcia Ísis, a quem consagra seu serviço em gratidão.

Escrito em prosa e dividido em onze capítulos ou livros, traz em seu ponto alto a narrativa do belíssimo mito de Eros e Psiquê pela boca de uma das personagens, sendo esse o único romance da antiguidade a chegar completo aos dias atuais. (OLIVEIRA, 2009)

4.2.1 Alguns personagens do mito

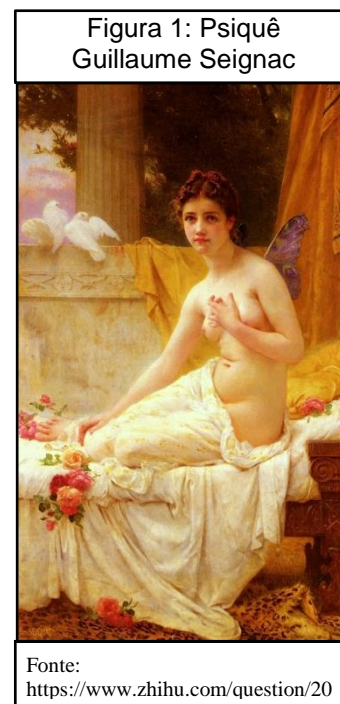
O mito escolhido nesta pesquisa para fazer uma analogia com a origem do filosofar traz alguns elementos importantes e coincidentes. Cada personagem que

aparece na história possui qualidades próprias e que nos ajudam a compreender melhor o mito em seu aspecto mais simbólico. Apresentamos, a seguir, uma breve descrição destes personagens, indicando suas principais características.

Psiquê: Ocupa o centro da história. Psiquê é uma jovem princesa de beleza sobre humana que desperta admiração e inveja (no caso das irmãs). Possuindo uma beleza tão extraordinária, pessoas de várias nações vão ao seu encontro para prestar reverência, despertando, com isso, a ira de Vênus, o que dá início a toda sua saga.

Etimologicamente, *psiquê* (do grego) significa alma, sopro, borboleta (BULFINCH, 2006). Possivelmente uma alegoria a metamorfose pela qual a personagem passa durante o desenrolar da história. (BULFINCH 2006) sobre essa ideia da capacidade de metamorfose associada ao nome da personagem diz:

Psiquê, em grego, significa *borboleta* e também *alma*. Não existe uma ilustração sobre a imortalidade da alma tão admirável e bela como a de uma borboleta, criando asas resplandecentes e libertando-se do túmulo, onde esteve enclausurada, depois de uma enfadonha e rastejante existência como lagarta, para voar no resplendor do dia e alimentar-se das mais perfumadas e delicadas produções da primavera. (BULFINCH, 2006. p. 96)



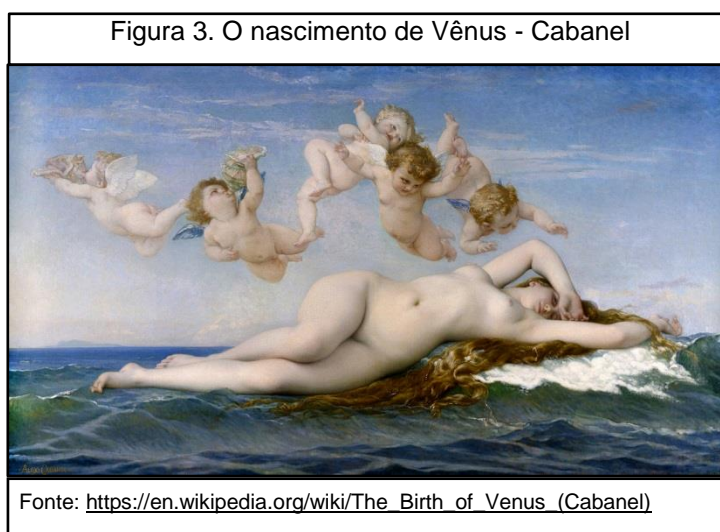
Eros (Cupido na versão romana): Deus do amor e do desejo. Existem muitas versões para o seu nascimento. Nas mais antigas cosmogonias, Eros nasceu de um ovo colocado por Nix (a noite primordial), sendo que as duas cascas partidas do ovo deram origem ao céu e a terra (BULFINCH, 2006).

Nesse sentido, Eros, ou o amor, é o mais antigo dos deuses e aquele que mantém a coesão de todo o universo. Na narrativa de Apuleio, entretanto, ele é tido

como filho de Afrodite e Zeus. Para o grande mitólogo brasileiro, Junito Brandão, “o mais belo entre os deuses imortais, (...) Eros dilacera os membros e transtorna o juízo dos deuses e dos homens” e, apesar de suas múltiplas genealogias ao longo do tempo, segue sendo “a força fundamental do mundo, aquele que garante não apenas a continuidade das espécies, mas a coesão interna do cosmo”(BRANDÃO, 1986, p.186-187). Pelo que, muitas vezes, carrega um globo na mão.

É representado comumente como um rapaz muito jovem ou mesmo como uma criança e não envelhece jamais. Dotado de asas, arco e flechas, por vezes vendado (possivelmente simbolizando que não se guia pelas aparências e sim pelo interior) ou com uma tocha, com a qual incendeia os corpos e os corações de deuses e mortais. Ainda para Brandão, essa eterna juventude simboliza a juventude eterna de um amor profundo, assim como também, certa irresponsabilidade, já que o deus é associado à libido. Para o autor, “o amor é a pulsão fundamental do ser, a libido, que impele toda existência a se realizar na ação” (BRANDÃO, 1986, p.189).

Afrodite (Vênus na versão romana): Deusa do amor, da beleza e da fecundidade seu nome significa “nascida da espuma” (ZUFFERLI, 2013, p. 9). Seu nascimento se deu quando Cronos (o tempo) decepcionou os órgãos genitais de Urano (o céu). O sêmen de Urano que caiu no mar deu origem à deusa, daí a etimologia de seu nome.



Mais tarde, Platão, no *Banquete*, a dividirá em duas deusas, a Afrodite Urânia ou celeste e a Afrodite Pândemus ou popular, pretendendo assim separar o amor imaterial e etéreo, do amor carnal. Esse amor celeste, para ele, desliga-se da beleza do corpo e eleva-se aos poucos “até a beleza da alma para atingir a Beleza em si, que é partícipe do eterno.”(BRANDÃO, 1986, p.216.)

Na narrativa mítica de Eros e Psiquê, Afrodite assume o papel daquela que leva à crise a vida humana. Afrodite, considerando que Psiquê não é digna de Eros, seu filho, a submete a uma série de provações, o que levará a jovem a crescer e transformar-se.

Figura 4. Zéfiro e Flora
William Bouguereau



Fonte: <https://www.wikiart.org/en/william-adolphe-bouguereau/cupid-and-psyche-1875>

Zéfiro: O vento Oeste que traz a primavera e faz florescer. Filho de Éos (a aurora) e Astreu (o céu estrelado) Zéfiro pertencia à raça do Titãs, que representavam as forças primordiais da natureza. No hemisfério norte, o início do vento do oeste (Zéfiro) marca o princípio da primavera.

Conta-se que no princípio, andava com Bóreas (o vento do norte que traz o inverno) e possuía, como ele, um caráter violento e destruidor. (GUIMARÃES, 1996) Porém, algo o fez mudar. Zéfiro se apaixonou pela ninfa Clóris, que amava as flores e a primavera e detestava a destruição causada

pelo vento. Para conquistá-la, transformou-se em uma doce brisa suave, que faz abrir as flores. Ao desposá-la, transformou-a em Flora, a rainha da primavera. Desde então o mel, as cores, as flores e todas as variedades de semente passaram a ser dom da ninfa. Tiveram um filho, Carpo, o fruto (DICIONÁRIO DE MITOLOGIA GRECO-ROMANA: Abril Cultural, 1973).

Pã: Personificação da natureza. Deus dos bosques e das florestas, dos pastos, rebanhos e pastores. Representado como uma figura metade humana e metade caprina. Era amante da música, vivia em grutas, vagava pelos campos cantando, dançando e se divertindo com as ninfas.

Seu nome significa *tudo*, pelo que acabou

Figura 5. Ninfas e Sátiro
(Pã)Bouguereau



Fonte:
<https://br.pinterest.com/pin/163396292703932620/?lp=true>

também associado como símbolo da natureza, do universo e também do paganismo. Na mitologia grega, os sátiros (figuras metade humanas e metade caprinas) eram comumente os mestres ou auxiliares do heróis, como é o caso do famoso mestre de Hércules, o sátiro Kíron (BULFINCH, 2006).

Figura 6. O retorno de Perséfone
Lord Frederick Leighton



[https://pt.wikipedia.org/wiki/Ficheiro:Frederic_Leighton_-_The_Return_of_Persephone_\(1891\).jpg](https://pt.wikipedia.org/wiki/Ficheiro:Frederic_Leighton_-_The_Return_of_Persephone_(1891).jpg)

Deméter (Ceres na versão romana): Deusa da terra cultivada, da fecundidade material e espiritual. Rege os ciclos de vida e morte, da vegetação e de toda a existência. Filha de Cronos (o tempo) e de Réia (fertilidade, fluir da vida), ensinou aos homens a arte de cultivar a terra, de semear, de fazer a colheita do trigo, e com ele fabricar o pão, o que a fez ser vista como a deusa da agricultura.

Era a mãe de Cora, que raptada, mais tarde, torna-se Perséfone, senhora do mundo inferior e esposa de Hades. Sua filha foi condenada a passar um terço do ano com o marido no mundo inferior e no resto ano, poderia voltar a viver com a mãe. Na ausência da filha, Deméter, triste, abandona a terra

e chega assim o inverno. Quando a filha retorna aos braços da mãe, temos então a primavera e o verão. Por reger os ciclos de vida e morte era celebrada junto com a filha nos mistérios iniciáticos de Elêusis. (CHEVALIER; GHEERBRANT, 1995)

Perséfone (Proserpina na versão romana): Simboliza a ideia de semente. Rege os ciclos de vida e morte. Filha de Deméter com Zeus, a princípio, chamava-se Cora (a jovem, a virgem) e vivia feliz com seus pais no Olimpo. Um dia, Hades, o deus do mundo inferior, enlouquecido com sua beleza, resolve raptá-la para fazer dela sua esposa. A moça colhia flores em um prado quando

Figura 7. Perséfone
Steven Mackey



Fonte:
<https://www.pinterest.es/clauidambrus/amazin>

foi atraída por um narciso de brilho espantoso (do grego, *narke*, “torpor”, deu origem a narcótico), símbolo do torpor da morte e do sono, mas também associado à primavera, por brotar nessa época do ano, o narciso remete então, tanto à vida quanto à morte. (CHEVALIER; GHEERBRANT, 1995) A belíssima flor exalava um forte perfume que a deixou enfeitiçada. Foi quando o deus do submundo emergiu e a levou para seus domínios.

Sua mãe, desesperada, a procurou em toda parte, até que, inconsolável pela ausência da filha, acabou por descuidar dos campos e toda a terra feneceu. Os povos começaram a passar fome e clamar aos deuses, sendo assim, Zeus, ao descobrir o que havia ocorrido, ordenou que Hades devolvesse a jovem. Este, porém, se negou, argumentando que ela não o havia negado completamente, pois durante sua estadia no mundo inferior, apesar de inconsolável, ela comeu uma semente de romã, símbolo da fecundidade, do desejo e do fogo ctônio (CHEVALIER; GHEERBRANT, 1995).

Zeus propõe então um trato, ela passaria um terço do ano (em algumas versões, seis meses) ao lado do marido, onde seria Perséfone, cuja etimologia significa “aquela que traz abundância” (ZUFFERLI, 2013, p. 276) a rainha do mundo inferior, e o resto do tempo ao lado da mãe. Seu retorno marcava o início da primavera, do calor, da luz e da vida. Por isso, o símbolo da semente vermelha e lustrosa, que evoca essa ideia do fogo ctoniano engolido por ela em proveito dos humanos para levá-lo de volta a superfície, mantendo assim, a chama da vida, que se recolhe para gerar mais vida e trazer alimento aos seres (CHEVALIER; GHEERBRANT, 1995).



Dessa forma, Perséfone personifica a própria ideia da semente, que enterrada na escuridão gélida do inverno, traz em si o coração da vida, que a fará morrer e transformar-se em algo novo quando chegar a primavera. (BULFINCH, 2006)

Hera (Juno na versão romana): Deusa do amor conjugal e da fecundidade é também símbolo da alma. Simbolizava ainda “o princípio feminino, na sua jovem maturidade, em pleno vigor, soberano, combativo, fe-

cundo” (CHEVALIER; GHEERBRANT, 1995, p. 524). Filha de Cronos (o tempo) e Reia (fertilidade da terra, o fluir da vida – pronuncia-se Réia). Foi, como seus irmãos, devorada pelo pai e salva por seu irmão Zeus, com quem se casa. Protetora das esposas e mães e dos nascimentos legítimos, tinha a seu serviço a deusa Ilítia que regia os partos. (DICIONÁRIO DE MITOLOGIA GRECO-ROMANA: Abril Cultural, 1973).

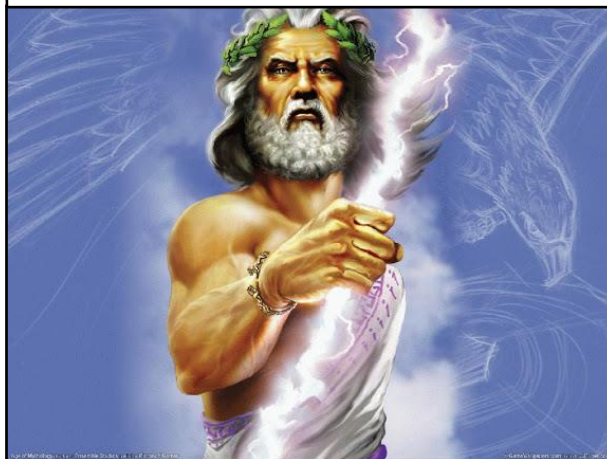
É representada como uma bela mulher de aparência séria e casta, vestindo longas vestes e com um diadema na cabeça, símbolo de sua importância e majestade como rainha dos deuses. Comumente vista ao lado de um pavão, cujas penas são símbolo das inúmeras criações da natureza.

Zeus (Júpiter na versão romana): O poder, a força, a ordem, o espírito, a luz da verdade. Rei supremo dos deuses, organiza o mundo interno e o externo, rege as leis universais, físicas, sociais e morais.

Grande arquétipo de patriarca, associado à atmosfera e todos os seus fenômenos. Era para os estoicos o símbolo do deus único que encarna o cosmos, para eles, as leis do mundo manifestado eram pensamentos de Zeus.

É filho de Cronos (o tempo) e de Reia (fertilidade da terra, o fluir da vida). Cronos, com medo de ser destronado por um de seus filhos assim como havia destronado o próprio pai, Urano (o céu), costumava devorar todos eles tão logo nasciam. Símbolo do tempo cronológico que devora a todos sem piedade. Desesperada, Reia, ao dar à luz a Zeus, o esconde e dá a Cronos uma pedra enrolada em um manto, que ele prontamente engole, sem dar-se conta do engodo. Em seguida, Reia faz que o filho vá para longe do perigo que representava o pai, assim, Zeus é criado em uma ilha, longe dos pais. Ao crescer, recebe o auxílio da deusa Métis (a prudência) que lhe dá uma porção capaz de fazer com que seu pai regurgitasse todos os filhos engolidos. Com a ajuda dos irmãos, Zeus luta contra o pai e outros titãs e ao vencer é coroado rei dos deuses. Seu principal símbolo é o raio, que passa a ideia

Figura 9. Zeus
Autor desconhecido



Fonte: <http://forgetthefear.blogspot.com/2011/05/zeus-o-deus-do-olimp-e-do-trova.html>

não só de força, mas também de clareza, o poder da iluminação e do esclarecimento em outras palavras. (CHEVALIER; GHEERBRANT, 1995)

Hades (Plutão na versão romana): Deus do mundo inferior, dos infernos e da morte, seu nome é comumente associado também aos seus domínios subterrâneos. É representado como um homem sombrio, normalmente, usando um capacete que o deixa invisível e, por vezes, é representado com uma cornucópia nas mãos, símbolo da riqueza da terra.

Filho de Cronos (o tempo) e Reia (a fertilidade, o fluir da vida), lutou junto do

Figura 10. O rapto de Proserpina
Gian Lorenzo Bernini



Fonte:
[https://en.wikipedia.org/wiki/The_Rape_of_Proserpina#/media/File:The_Rape_of_Proserpina_\(Rome\).jpg](https://en.wikipedia.org/wiki/The_Rape_of_Proserpina#/media/File:The_Rape_of_Proserpina_(Rome).jpg)

seu irmão Zeus contra o pai e outros Titãs. Ao vencerem, Zeus concedeu-lhe o domínio do mundo inferior e tendo premiado Poseidon com os mares, ficou com o Olimpo para si.

A complexa etimologia grega de seu nome aponta para a ideia de “o invisível” ou de “cruel”, “terrível”, “violento” (ZUFFERLI, 2013, p.155). Foi chamado mais tarde pelos romanos de Plutão que significa “o rico” (já que ninguém ousava pronunciar seu nome), possível referência tanto ao número de almas sob seu domínio quanto à fertilização gerada pelo processo da morte que é o que possibilita o ciclo da vida, ou seja, refere-se também às riquezas da terra.

O Hades, enquanto reino, é o local da germinação, das transformações, das metamorfoses, das passagens de vida e morte,

mas também símbolo das trevas interiores da alma humana, das camadas mais arcaicas da psique. Tido como um reino escuro e sombrio do qual raramente se consegue sair, cheio de monstros e seres assombrosos que atormentam os mortos, é em algumas versões também o local onde estariam os Campos Elísios, ilha de paz e beleza aonde iriam as almas dos justos após morrerem. Muitos heróis precisam passar pela prova de ir ao Hades e voltar, tendo enfrentado lá seus maiores monstros internos e medos, como é o caso de Psiquê. Essa tarefa é sempre a mais difícil,

pois há muitas armadilhas prontas para prender as almas dos vivos e dos mortos nesse local (CHEVALIER; GHEERBRANT, 1995).

Hermes: Filho de Zeus e Maia (a mais jovem das Plêiades, associada à projeção da energia vital e filha de Atlas, Titã condenado por Zeus a sustentar nos ombros os céus para sempre) é o mensageiro dos deuses, aquele que faz ponte entre todos os mundos, psicopompo que conduz os seres em suas mudanças de estado e transmutações.

Representado com o caduceu, símbolo da harmonia por integração dos opostos, da vitalidade em ascensão, usa também as famosas sandálias aladas que simbolizam sua facilidade de deslocamento e de ascensão (CHEVALIER; GHEERBRANT, 1995).

Deus da inteligência industriosa e realizadora preside, por isso, o comércio, também é associado aos ladrões, possivelmente por causa de sua astúcia, e às viagens. Serve de mediador entre os deus-

es e os homens, é muito associado a eloquência por ser aquele que transmite a mensagem dos deuses, mensagem essa que comumente é distorcida, já que ao chegar aos homens, é assimilada de acordo com o nível de consciência de cada um.

Ainda nessa perspectiva, a mensagem original é traída pelo simples fato de os mistérios divinos serem intraduzíveis, inexplicáveis, impossíveis de serem apreendidos. Deus tanto do hermetismo, enquanto mistério, como da hermenêutica, a arte de decifrar o mistério (CHEVALIER; GHEERBRANT, 1995). Inventor da lira e da flauta, com as quais ganhou os favores de Apolo, que lhe ensinou artes de adivinhação. (GRIMAL, 2005)

Figura 11. Hermes
Autor desconhecido



Fonte: <http://demigodshaven.wikia.com/wiki/Hermes>

4.2.2 A narrativa do Mito

Introdução



Havia em certa cidade um rei e uma rainha que foram abençoados com três belíssimas filhas. Entretanto, apesar de as duas filhas mais velhas serem extremamente belas, a mais nova era dotada de uma beleza tal que sequer parecia humana. Seu nome era Psiquê.

Dizia-se sobre ela que ou a própria Afrodite dignara-se a viver entre mortais ou a espuma de Urano caíra também sobre a terra, germinando uma nova deusa do amor e da beleza. Essa fama espalhava-se cada dia mais e povos de todos os lados começaram a dirigir-lhe preces, empreender grandes viagens para vê-la, realizar sacrifícios em seu nome e depositar presentes e flores aos seus pés.

Com isso, o culto à verdadeira Afrodite começou a minguar, até que seus templos ficaram vazios. Isso despertou a cólera e a indignação da deusa, que esbravejou:

Então a mim, antiga mãe da natureza, origem primeira dos elementos, nutriz do Universo, Afrodite, reduziram-me a esta condição de partilhar com uma mortal as honras devidas à minha majestade! E meu nome consagrado no céu é profanado pelo contato com impurezas terrestres. Será preciso, aparentemente, na comunhão equívoca das homenagens prestadas em meu nome, ver a adoração me confundir com uma substituta? Aquela que por toda parte apresentará minha imagem é uma moça que está para morrer. (APULEIO, 1969, p. 86)

Dizendo isto, chamou imediatamente o filho, Eros, contou-lhe todo o ocorrido, extenuando sua indignação com os fatos e pediu-lhe que jurasse vingar sua querida mãe. Levou-o então até à cidade em que vivia Psiquê e mostrou-lhe a moça que tanta raiva lhe causava, fazendo-o prometer que a picaria com uma de suas flechas e a faria apaixonar-se ardentemente pelo mais abjeto dos seres, pelo mais terrível

monstro que ele pudesse encontrar. Com a certeza de ter boa revanche pelas mãos de Eros, retirou-se para os mares.

Entrementes, Psiquê, apesar de bela, vivia solitária. Suas irmãs há muito haviam feito excelentes casamentos, mas a ela nenhum homem ousava pedir a mão, já que todos a admiravam e contemplavam como a uma deusa. Ela começou então a detestar em si a beleza que a todos encantava, lamentando-se de sua condição.

Seu pai, vendo a filha afundar-se cada dia mais em tristeza e solidão, temeu ser esse algum castigo divino e resolveu assim, consultar o oráculo para obter direcionamento sobre o que fazer. Jamais imaginou, entretanto, que receberia tão nefasta resposta:

Sobre o rochedo escarpado, suntuosamente enfeitada, expõe, rei, a tua filha para núpcias de morte. Então, ó rei, não esperes para teu genro, criaturas originadas de mortal estirpe, mas um monstro cruel e viperino, que voa pelos ares. Feroz e mau, não poupa ninguém. Leva por toda parte fogo e o ferro, e faz tremer a Zeus, e é o terror de todos os deuses, e apavora até as águas do inferno, e inspira terror às trevas do Estige. (APULEIO, 1969, p. 88)

Sabendo da necessidade irrefutável de obedecer ao oráculo, o rei retornou para casa com a triste missão de contar a todos o terrível destino da pobre Psiquê. Após chorarem por muitos dias e proclamarem luto público em todo o reino, chegou

Figura 13. O casamento de Psiquê
Edward Burne-Jones



Fonte: <https://www.ancient-origins.net/myths-legends-europe/ancient-fairy-tale-cupid-and-psyche-where-love-endures-against-all-odds-003393>

por fim o dia estabelecido para que se cumprisse o destino da moça.

Imersos em uma mistura de núpcias e enterro, uma grande comitiva acompanhava Psiquê em procissão até o alto do escarpado monte. Iam chorando e lamentando a funesta sorte da menina, enquanto ela mesma chorava e temia por seu futuro. Entretanto, vendo quanta tristeza aquilo causava aos pais, encheu-se de coragem e começou a exortá-los quanto ao fato de que tarde demais eles se davam conta da desfeita cometida à Afrodite, pois no momento em que começaram a tratar uma mortal como deusa, ali mesmo, já deveriam ter previsto que a filha lhes seria arrebatada. Resoluta, afirmou não haver necessidade de adiar seu destino já há tanto tempo traçado e pediu que a deixassem sozinha no alto do rochedo para cumprir sua sina.

Depois que todos a abandonaram, Psiquê, trêmula e desesperada não parava de chorar. Foi quando Zéfiro apareceu, brincando delicadamente com suas vestes. O doce vento primaveril a soergueu suavemente levando-a ao longo da parede rochosa até depositá-la ao pé do rochedo, em um vale repleto de relva florida. Deitada sobre a vegetação úmida de orvalho, aos poucos ela se acalmou, até que por fim, placidamente adormeceu.

O marido misterioso

Após um sono reparador, Psiquê despertou mais tranquila e percebeu que encontrava-se em um bosque belíssimo. Árvores frondosas brotavam por toda parte e no centro do bosque surgia uma fonte de água translúcida, junto à qual erguia-se também um suntuoso palácio.

Ao aproximar-se dele, percebeu que era inteiro feito de pedras e metais preciosos, esculpidos e lapidados com esmero sobre-humano. Deslumbrada com o que via, atreveu-se a adentrar o local, que para sua surpresa não possuía guardas, trancas ou

Figura 14. Psiquê entrando no jardim de Cupido - Waterhouse



Fonte: <https://fineartamerica.com/featured/psyche-entering-cupids-garden-john-william-waterhouse.html>

fechos para proteger esses tesouros inestimáveis.

Uma vez dentro do palácio, não parava de maravilhar-se com os inúmeros detalhes de cada aposento e andava por eles distraída, quando ouviu vozes que se apresentaram como suas servas e disseram-lhe ser a própria Psiquê a dona destes domínios. Vendo nesses sinais a possibilidade de uma providência divina, a moça, aquiescendo às vozes, alegremente descansou, banhou-se e deliciou-se com um fabuloso banquete, em tudo assistida por servos invisíveis. Após ouvir uma belíssima apresentação de um coro invisível e vendo que escurecia, resolveu deitar-se.

Já era noite alta quando a jovem percebeu uma presença em seu quarto. Imaginando ser esse o marido misterioso, a princípio temeu por si, mas embora não pudesse vê-lo em meio à escuridão podia ouvi-lo e tocá-lo. Sua voz tornou-se para ela uma fonte de consolo para sua solidão. Logo, o aceitou como esposo e, com o passar do tempo, começou a amá-lo profundamente.

O marido desconhecido vinha sempre à noite, protegido pela escuridão, e pediu a Psiquê que promettesse jamais tentar ver-lhe a face, sob pena de perdê-lo para sempre. Confiando cegamente na pureza de seu amor, ela assim o fez. Passava os dias sozinha e ansiosa a espera de seu amado que vinha apenas quando a luz se esvaía.

Certa noite ele a advertiu de que suas irmãs haviam voltado para o reino dos pais, a fim de consolá-los no seu luto pela filha mais nova, sobre o que ele a preveniu:

(...) dulcíssima e querida esposa minha, a Fortuna, no seu cru rigor, te ameaça com um perigo mortal. Vela-te e guarda-te cuidadosamente, eis o meu aviso. Tuas irmãs, que te acreditam morta, em sua perturbação, procuram teu rastro, e chegarão logo ao rochedo que tu sabes. Se, por acaso, vires que ela chegam, ouvires lamentos, não respondas, olha mesmo para outra direção, sob pena de me causar uma grande dor, e a ti, o pior dos desastres.” (APULEIO, 1969, p. 92)

Apesar de concordar, Psiquê, não obstante, não foi capaz de cumprir sua promessa, pois muito se afligiu e chorou durante todo o dia, por sentir-se sozinha e desejar ardentemente rever suas irmãs. Quando o esposo regressou à noite, percebendo o seu estado e ouvindo as desesperadas súplicas da jovem, acabou cedendo e permitindo que as visse, mas alertou-a com veemência que não deveria quebrar

jamais sua promessa de não tentar vê-lo, mesmo que elas a incentivassem a tal feito.

Quando, no dia seguinte, as irmãs foram ao rochedo, Psiquê chamou Zéfiro e transmitiu-lhe as ordens do marido. O vento primaveril foi então ao alto monte escarpado e transportou as jovens até o palácio. Grande foi a alegria delas pela descoberta de que a caçula vivia, assim também, como da parte de Psiquê por poder dar-lhes esse consolo e reencontrá-las.

Após muitos beijos e abraços, pôs-se a mostrar-lhes o palácio onde agora vivia. As irmãs não podiam acreditar no que viam seus olhos, deslumbraram-se com toda a riqueza e começaram a sentir inveja da sorte da mais jovem. Perceberam rapidamente pelo que viam e pelos relatos da própria Psiquê que o marido misterioso deveria ser um deus. Fazendo muitas perguntas, notaram que a caçula hesitava e confundia-se ao falar sobre o esposo, pelo que evidenciou-se que ela não sabia quem ele era ou que aparência tinha.

Voltaram para casa consumidas pela raiva e pela inveja. Não aceitavam que elas, sendo mais velhas, tivessem tido casamentos menores do que a caçula. Esconderam dos pais tudo o que havia sucedido e continuaram fingindo luto, enquanto, secretamente, tramavam um plano para vingar seus orgulhos feridos.

Nesse ínterim, o marido misterioso mais uma vez, admoestava sua amada quanto ao perigo de rever as irmãs:

(...) Ora, este rosto, eu te previno sempre, se o vires uma vez, nunca mais o verás. Se, então, futuramente, vierem aqui essas bruxas detestáveis, como sei que virão, armadas de culpadas maquinações, recusa-te a conversar com elas. Ou, se isso é mais do que pode suportar a tua natural candura e a ternura do teu coração, pelo menos a respeito do teu marido não escutes nada, não respondas nada. Nossa família se acrescenta, gera-se uma criança no teu útero; divina será se souberes calar e conservar nosso segredo, mortal se os profanares. (APULEIO, 1969, p. 96)

Psiquê não poderia ter ficado mais feliz com a notícia da gravidez e passou a esperar ansiosamente pelo dia em que poderia ver, ao menos no rosto da criança, um pouco de seu querido e amoroso esposo. Ele, entretanto, seguia advertindo-a quanto ao perigo que corriam caso ela quebrasse sua promessa de não vê-lo jamais.

Certa noite, tendo sido alertada por ele de que as irmãs pretendiam voltar ao rochedo no dia seguinte, implorou para encontrá-las novamente, jurando que jamais a convenceriam a ser-lhe infiel. Após muitas palavras doces e cheias de carinho, ele cedeu, sendo, porém, mais uma vez, enfático em seus alertas.

Quando o dia raiou, as invejosas irmãs foram ao rochedo e sem nem mesmo esperar por Zéfiro, lançaram-se no abismo, sendo sustentadas por ele bem a tempo. Chegando ao palácio, puseram-se a adular a caçula, tão logo souberam de sua gravidez, dizendo-lhe muitas palavras de afeto, o que comoveu Psiquê profundamente. Aproveitando-se desse momento, começaram a destilar seu pérfido veneno colocando o plano já traçado em ação:

És bem feliz, tu que repousas na ignorância do perigo que te ameaça, na felicidade que te assegura o desconhecimento de tua desgraça. (...) soube-mos de fonte segura, (...) o seguinte: uma horrível serpente, um réptil de tortuosos anéis, com o pescoço estufado de baba sanguinolenta, de um veneno temível, a goela hiante e profunda, eis aí o que repousa à noite, furtivamente a teu lado. (APULEIO, 1969, p. 99)

Lembraram-na também do que havia dito o oráculo de Delfos a respeito de ela ter sido destinada a casar-se com o pior dos monstros e juraram ter ouvido relatos de vários trabalhadores dos campos que teriam visto a serpente monstruosa afastando-se do palácio todas as manhãs. Além disso, contaram ainda ter descoberto com moradores locais que o terrível anfitrião, planejava devorá-la tão logo a criança nascesse, pois ela não lhe teria mais serventia alguma.

Psiquê, sendo simples e ingênua, não via motivos para duvidar das intenções das suas próprias irmãs que julgava quererem apenas o melhor para ela. Sendo assim, esquecendo-se completamente das promessas feitas, contou-lhes que de fato, não conhecia a aparência de seu esposo e que tinha jurado jamais conhecer. Com essa confissão, as duas puseram-se a convencê-la de que ela não poderia confiar em alguém que foge da luz, escondendo-se em sombras com interesses medonhos.

Muito aflita e temendo por sua vida e a de seu bebê, Psiquê aceitou os conselhos das irmãs sobre o que deveria fazer para ver-se livre dessas núpcias abomináveis. Disseram-lhe que escondesse próximo ao leito onde dormiam, uma navalha afiada e uma lâmpada. Quando o monstro chegasse, ela deveria fingir normalidade e esperar que caísse em profundo sono para, guiada pela luz, deferir-lhe um golpe fatal, cortando-lhe a cabeça sem dó.

Psiquê foi deixada só com suas dúvidas e inquietações, afundada em profundo desespero, dividida entre o amor e a desconfiança. O que fazer se no mesmo corpo amava o marido e odiava o monstro? Por fim, decidiu-se por fazer o que lhe haviam sugerido. Quando o desconhecido adormeceu, buscou resoluta a lâmpada e a navalha.

Figura 15. Cupido e Psiquê
Middleton Alexander Jameson



Fonte: <https://www.pinterest.se/pin/512073420112519964/?lp=true>

Entretanto, tão logo o clarão da chama iluminou o leito, qual não foi sua surpresa ao encontrar ali o mais belo e doce dos monstros, o próprio Eros em pessoa. Com seus cachos dourados fazia vacilar a própria luz da lâmpada, sua pele era lisa e brilhante, suas asas cintilavam de brancura, cobertas pela mais delicada penugem. Aturdida com o impacto da beleza divina, percebeu

ainda que aos pés da cama encontravam-se seu arco e flechas e sua tocha. Tomada de curiosidade, tomou uma das flechas em suas mãos e acabou ferindo-se. Foi assim que, sem querer, Psiquê se viu tomada de amor pelo próprio amor.

Consumida pelo desejo, começou a beijá-lo apaixonadamente com lábios sedentos e descuidando da lâmpada, deixou cair um pouco de óleo quente sobre a espádua direita do deus. Ao despertar em dor, percebendo a traição, ele se desvenhilhou dela e sem dizer-lhe nenhuma palavra, começou a alçar voo.

Desesperada, Psiquê rapidamente agarrou-se em sua perna direita, indo junto com ele pelos ares, até que não mais conseguiu sustentar-se e caiu. Vendo-a assim, Eros desceu até um Cipreste próximo e contou-lhe todo o ocorrido. Ao receber as ordens de sua mãe para desposar sua rival com o pior dos monstros, havia ele ido imediatamente ao encontro dela com essa intenção, mas encantado com a sua beleza, acabou picando-se sem querer em uma de suas próprias flechas, enamorando-

se perdidamente e resolvendo-se por fazer dela sua esposa. Lamentando profundamente que ela o tivesse traído, abatido e ferido, voou para o alto e desapareceu.

Psiquê abandonada

Desconsolada, a moça fitou ainda por um tempo o local onde seus olhos alcançaram ver uma última vez no céu brilhante o próprio amor. Em seguida, não suportando tamanho sofrimento, resolveu atirar-se no rio mais próximo a fim de acabar com sua dor. O rio, entretanto, sabendo de quem se tratava e não querendo atrair para si a ira do deus a quem todos temiam, soergueu a jovem suavemente e a recolocou em suas margens floridas.

Pã, naquele mesmo instante estava junto à ninfa Eco à beira do rio, ensinando-a algumas áreas e viu a tentativa frustrada de Psiquê em tirar a própria vida, pelo que, aproximando-se, resolveu aconselhá-la:

(...) essa marcha incerta e vacilante, essa extrema palidez, os suspiros contínuos, e, sobretudo esses olhos rasos de lágrimas, indicam que um grande amor é a causa de tua mágoa. Então escuta: não te precipites nem te faças matar de qualquer outra maneira. Não te entristeças. Esquece o desgosto. Venera, antes, por tuas preces a Eros, o maior dos deuses, e faz por merecer, por meio de ternas homenagens, o favor do adolescente que ele é, voluptuoso e amigo do prazer. (APULEIO, 1969, p. 103)

Tirando, curiosamente, algum alento daquelas palavras, resolveu caminhar a esmo, até que, levada por seus pés, chegou à cidade onde reinava uma de suas irmãs. Pediu uma audiência com a mesma e narrou todo o ocorrido, pelo que a traidora em muito se alegrou. Porém, disse-lhe também que ao ser abandonada, Eros havia dito que queria agora para esposa a irmã que se encontrava ali diante dela.

Inventando uma desculpa qualquer para o rei, a irmã foi desesperadamente ao alto do rochedo e anunciando que sua nova esposa estava

Figura 16. Pã conforta Psiquê
Reinhold Begas



Fonte:
<https://artsandculture.google.com/asset/pan-comforting-psyche/SgHnsXYYo8Zzjw>

chegando, gritou para que Zéfiro a levasse ao palácio de Eros. Sem perceber que era outro o vento que soprava, atirou-se no vazio e morreu.

Logo, nossa heroína foi em seguida à cidade da outra irmã, que ouvindo a mesma mentira e cega pela mesma ambição, teve o mesmo destino que a primeira. Concluída sua vingança, Psiquê passou então a vagar incessantemente pela terra em busca de Eros.



pôs a cabeça da odiada nora a prêmio.

Psiquê seguia caminhando inquieta, dia e noite, à procura de seu esposo alado, na esperança de encontrá-lo. Foi quando avistou ao longe um templo, do qual se aproximou para ver se ali talvez não estaria aquele a quem tanto buscava.

Ao entrar, percebeu ser aquele um templo dedicado à deusa Deméter, senhora da terra cultivada. Entretanto, viu também, que o templo encontrava-se em grande desordem. Acreditando que não se deve negligenciar nenhum deus, a moça pôs-se a arrumar com grande esmero o local sagrado.

Vendo a bondade nesse empenho, a própria Deméter, compadecida com toda a história de Psiquê, de que já tomara conhecimento, apareceu para agradecê-la. A jovem, jogando-se aos seus pés, implorou os favores da deusa, pedindo em prantos

O nobre deus, enquanto isso, seguia ferido pela queimadura e foi refugiar-se na casa de Afrodite que se encontrava ausente, habitando o seio do mar. Até que uma gaivota resolveu visitá-la e contou à deusa todo o ocorrido entre seu filho e Psiquê, despertando nela a mais terrível das fúrias.

Voltando ao seu palácio, perguntou logo pelo filho, com quem esbravejou sobre sua traição à própria mãe e com desgosto profundo, chegou mesmo a renegá-lo. Eros, enfermo, apenas ouviu, até que a mãe cansada retirou-se para decidir o que fazer. Pedindo a ajuda de Hermes para proclamar sua cólera aos quatro ventos,

que lhe deixasse ficar ali protegida alguns dias para descansar um pouco de sua labuta. Deméter, entretanto, apesar de trata-la com extrema doçura, negou o seu pedido por temer trazer para si a ira de Afrodite.

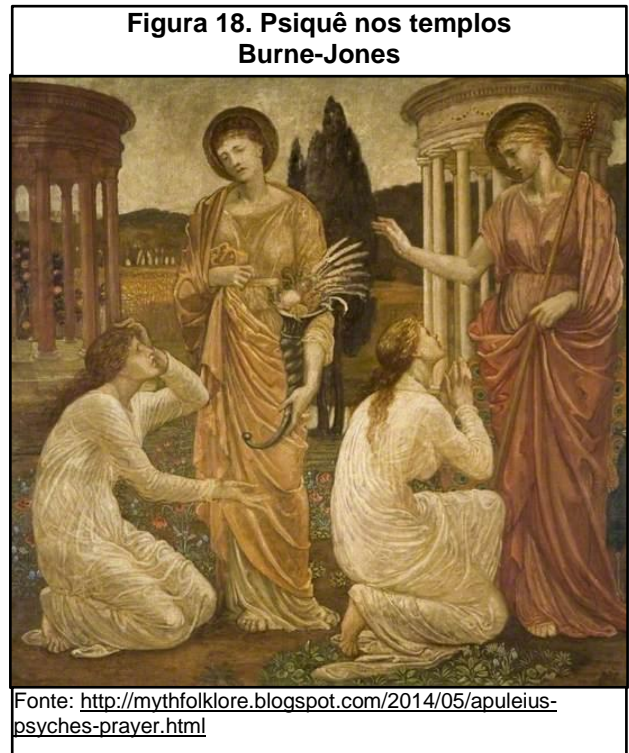
Prosseguindo em sua jornada, passou por um belo bosque, à sombra do qual, se erguia um belíssimo templo dedicado à deusa Hera. Entrando no templo, logo pôs-se a fazer uma prece invocando o auxílio da deusa, que não tardou em aparecer para ela. Assim como Deméter, Hera a tratou com muita delicadeza e disse querer muito poder protegê-la, mas também não poderia se opor aos desejos de Afrodite, de quem era além de tudo, sogra.

Vendo que nem mesmo entre os deuses conseguiria abrigo, sem saber o que mais poderia fazer para fugir à vingança de Afrodite e encontrar Eros, resolveu entregar-se voluntariamente à deusa, colocando-se como sua escrava. Pelo menos assim, estaria mais próxima de seu amado.

As provas

Quando Psiquê já estava chegando à residência divina de Eros, uma das servas da deusa a viu e não tardou em agarrá-la pelos cabelos, levando-a imediatamente à presença de sua senhora.

Após esbravejar, xingar, bater em Psiquê e rasgar-lhe as vestes, Afrodite mandou trazer uma grande quantidade de sete tipos de grãos diferentes, misturados em um montão e ordenou que a moça provasse sua diligência ordenando-os por tipo. Para isso, deu-lhe umas poucas horas e a pena caso não finalizasse o serviço seria a morte. Resignada com seu destino e sabendo ser uma prova humanamente impossível de se cumprir, a jovem sentou-se em um canto, silenciosa, esperando seu desfecho fatal.



As formigas, entretanto, tiveram pena de tamanha injustiça e resolveram ajudá-la. Reuniram um grande exército e começaram a separar os grãos com agilidade e precisão. Tão logo terminaram o serviço, desapareceram rapidamente.

Afrodite, ao chegar e ver a tarefa executada perfeitamente ficou ainda mais irada, acusando Psiquê de ter trapaceado. Logo, pensou em uma prova mais difícil. Ordenou-lhe que fosse à margem de um rio onde pastavam ovelhas de lã de ouro, com testa de pedra, longos chifres e mordida venenosa, conhecidas por matar os

humanos que delas se aproximavam. A moça deveria trazer um punhado de lã dourada para a deusa.

Ela seguiu em direção ao rio com a intenção de nele afogar-se, livrando-se assim de seu sofrimento. Porém, um simples caniço verde nas



margens pediu que ela não desistisse, pois ele sabia como poderia cumprir a prova. Essas ovelhas, disse ele, costumavam ficar muito raivosas e violentas quando o sol lhes esquentava o pelo, mas ao entardecer, pastavam tranquilamente pelas margens do rio, onde havia muitas plantas. Bastava que ela se escondesse até que as ovelhas fossem embora, para logo, colher nos ramos o pouco da lã que por ali ficava. Foi assim que o caniço, simbolizando a humanidade e a simplicidade, ensinou-a como se salvar.

Ao retornar com a prova mais uma vez cumprida, encontrou uma Afrodite muito transtornada com essa vitória. Logo a deusa disse-lhe que testaria sua coragem e prudência. A jovem deveria ir até o topo de um altíssimo rochedo escarpado, de onde brotava a fonte de água que dava origem ao rio Estiges, o rio que adentrava os

próprios infernos. Dando-lhe uma jarra de cristal, pediu ela lhe trouxesse um pouco da água da fonte.

Psiquê sabia que até mesmo os deuses temiam o Estiges com suas águas gélidas, fonte de toda imundície. Tentando se aproximar do local indicado, logo percebeu que o rochedo era guardado por dragões terríveis, cujos olhos jamais se fechavam e as próprias águas da fonte, gritavam de longe ameaças de morte.

Vendo mais uma vez a impossibilidade de realizar a tarefa, ficou como que paralisada sem saber o que fazer. Foi quando a águia de Zeus, lembrando-se de favores prestados a ela por Eros, resolveu aparecer em seu auxílio. Pegou a ânfora de suas mãos, passou agilmente pelos dragões e disse às águas que dela se esquivavam que havia vindo a serviço de Afrodite. Após conseguir um pouco de água, foi entregá-la a Psiquê.

Uma vez mais a deusa a recebeu com impropérios ao ver a prova cumprida. Então, pensou em algo ainda pior do que tudo o que já havia feito com a nora. Entregou a Psiquê uma caixa e disse-lhe que deveria descer até o Hades, em busca de Perséfone, a quem deveria pedir um pouco de sua beleza para levar de volta a Afrodite. Seria esta sua derradeira prova.

Desta vez, tudo lhe pareceu muito claro, pois que outra forma haveria de entrar no mundo dos mortos se não fosse morrendo? Com esse fim, subiu no alto de uma torre para atirar-se lá de cima. Quando estava prestes a saltar, a torre falou em seu auxílio, pedindo que não o fizesse. Segundo ela, havia uma forma de entrar e sair do Hades sem precisar morrer.

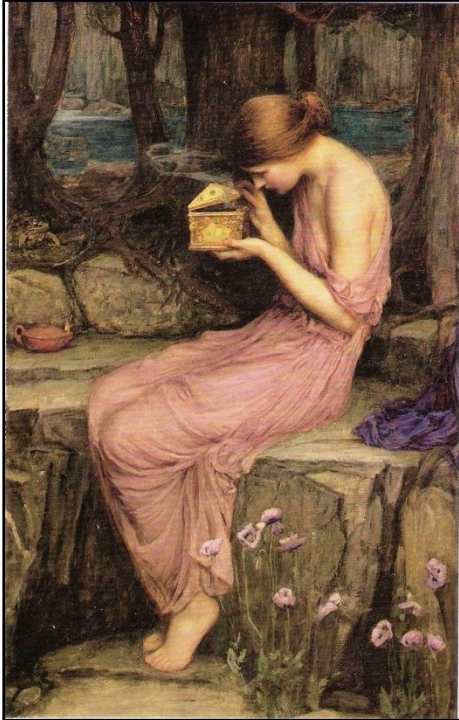
A torre indicou-lhe um local escuro onde estava escondida a entrada dos infernos. Psiquê deveria adentrar com duas

Figura 20. Psiquê no Hades
Autor desconhecido



Fonte:
<https://www.cs.rochester.edu/~schubert/191-291/psyche.shtml>

Figura 21. Psiquê abrindo a caixa dourada



Fonte:
<https://br.pinterest.com/pin/104497653826882389/?lp=true>

moedas na boca e dois bolos nas mãos. Logo na entrada, encontraria Caronte, o barqueiro que faz a travessia das almas ao submundo. Deveria usar uma das moedas para pagá-lo. A torre advertiu-a ainda de que durante todo o percurso almas desenganadas e seres misteriosos lhe pediriam ajuda em alguma obra, ela, entretanto, deveria ignorar a todos e seguir direto para o palácio de Perséfone diante do qual encontraria o famoso cão de três cabeças, Cérbero. Um dos bolos serviria para amansá-lo. Ao entrar no palácio, Perséfone lhe ofereceria um fausto banquete, o qual ela deveria prontamente recusar. Ao receber a caixa com a beleza das mãos da deusa, viria então a sua maior tentação, ela não deveria em hipótese alguma abrir a caixa. Para sair do Hades, deveria

usar o segundo bolo para passar pelo cão e a segunda moeda para pagar a Caronte.

Assim fez Psiquê, porém no momento em que saiu do Hades, ignorando pela primeira vez os conselhos da torre, ela resolveu abrir a caixa para pegar um pouco da beleza de Perséfone, pensando que assim agradaria a Eros. Dentro dela, não obstante, não havia beleza alguma, mas sim um profundo sono infernal, que tomou conta da moça e a fez cair adormecida, como se estivesse morta.

Final

Para sua sorte, Eros, já curado de sua ferida, conseguiu escapar pela janela da torre na qual a mãe o havia encerrado e foi rapidamente ao encontro de sua amada. Ao chegar, guardou o sono novamente na caixa e a despertou docemente com a picada de uma de suas flechas. Advertiu-a de que mais uma vez ela havia caído por sua curiosidade. Ela deveria levar a caixa para Afrodite e aguardar, pois, de agora em diante, o resto caberia a ele.

Eros subiu então aos céus e suplicou ao próprio Zeus, senhor dos deuses, que intercedesse em seu favor. Zeus, apesar de muito haver sofrido em suas mãos por causa de paixões de todos os tipos, resolve ajudá-lo e pede que Hermes convoque imediatamente uma reunião com todos os deuses.

Em seguida, manda que busque Psiquê e explica aos deuses os benefícios de ver Eros, que tantas astúcias fazia entre eles, casado. À Afrodite, garante que dessa união ela nada teria do que se envergonhar, pois ele faria de Psiquê uma noiva à altura. Então, tomando uma taça do vinho dos deuses, estende-o para a jovem dizendo: “Toma, Psiquê, e sê imortal. Jamais Eros se desembaraçará dos laços que o unem a ti.” (APULEIO, 1969, p. 119).

Logo todos os deuses, até mesmo Afrodite, fazem uma grande festa para celebrar o enlace, com muita música e dança. Foi assim que Eros e Psiquê conseguiram vencer todas as provas e ficar juntos. Depois de algum tempo, nasceu-lhes a filha, a quem chamaram de Volúpia.

Figura 22. O arrebatamento de Psiquê - Bouguereau



Fonte:
http://framingpainting.com/painting/the_rapture_of_psyche-8.html

5. A INICIAÇÃO FILOSÓFICA A PARTIR DO MITO EROS E PSIQUÊ

Silva Filho (2013), citando Bultmann, afirma que a ideia de *mito*, tem sua origem no pensamento pré-científico do século primeiro. O propósito do mito seria expressar a maneira como o homem vê a si mesmo, e não apresentar um quadro objetivo e histórico do mundo. O mito emprega imagens e termos tomados deste mundo para transmitir convicções acerca do enfoque que o homem tem de si mesmo.

O processo de desmitologização, ainda segundo Silva Filho, “não significa negar a mitologia, e sim interpretá-la existencialmente, em função da compreensão que o homem tem de sua própria existência.” (SILVA FILHO, 2013, p. 53)

Uma vez que o objetivo da nossa pesquisa é estabelecer uma analogia entre o processo de iniciação ao filosofar e o mito de Eros e Psiquê, propomos uma aproximação entre Psiquê e a pessoa que está no início



da pratica filosofante. Psiquê representa, no início do mito, uma personagem ingênua, bela, que estabelece uma relação com as outras pessoas e com o mundo de forma bastante inocente. Essa inocência e ingenuidade acabam atraindo a admiração das pessoas que a cercam. Psiquê é a figura da criança, da inocência e da beleza que não pode ser desposada. Psiquê, enquanto permanecer ingênua e inocente não poderá fazer parte do mundo dos adultos, a ela fica reservada apenas a admiração. Para fazer parte do mundo dos adultos (casar-se), Psiquê precisa deixar de ser ingênua, tomar consciência da própria ingenuidade. Mas como isso poderá acontecer? A respos-

ta no mito é dada pelo Oráculo ao pai de Psiquê. Para poder casar-se, Psiquê precisa ser levada ao alto de um monte e lá seria desposada pelo pior dos monstros. O mito narra esse momento em que Psiquê é levada ao monte em uma mistura de alegria e luto. Psiquê será levada para o seu esposo, mas ao mesmo tempo um terrível esposo. Essa passagem da ingenuidade para a consciência é inevitável no mito, pois o destino dito pelo Oráculo é inexorável, não é permitida nenhuma alteração.

A partida de Psiquê em direção ao monstro terrível, que é Eros, é necessária, mesmo que dolorosa. Podemos comparar a figura de Psiquê à do(a) jovem que inicia um processo de conhecimento crítico. É chegada a hora de por fim à ingenuidade. Esse processo gera inseguranças, medo, mas não é possível ser evitado. A perda da inocência por Eros ou pelo conhecimento que não se permite ser dominado marca a passagem de Psiquê para a fase adulta ou a passagem de uma consciência ingênua para uma consciência crítica.

De acordo com a narrativa, Psiquê está à espera de um monstro, justamente Eros. Porém, este encontro só acontece à noite. Psiquê não tem permissão de ver aquele com quem se casou. A relação de amor acontece à noite, sem que seja possível conhecer o outro. O extraordinário é que ao invés de Psiquê encontrar um monstro, ela encontra um ser extremamente cuidadoso. No castelo, ela é tratada com enorme luxo e regalia, cheia de conforto e prazer. O cuidado que Psiquê recebeu, desde o traslado para o castelo, continua durante as núpcias. Psiquê percebe que não se casara com um monstro, como previa a profecia. Pelo menos, não era um monstro para ela.

Porém, esta relação de prazer e regalia exige uma contrapartida, Psiquê não pode dominar ou ter sempre em seus braços aquele que ama. Eros só aparece à noite e, mesmo assim, não se deixa ser visto. Isto exige de Psiquê uma absoluta confiança em seu amado.

Nessa aproximação que buscamos fazer entre o mito e o processo de quem se inicia no exercício do filosofar, podemos comparar Psiquê com aquele(a) que se sente atraído(a) pelo conhecimento. Todavia, é preciso um espírito aberto, semelhante ao que Jaspers (1998) se refere àquele(a) que assume uma atitude de *admiração*. A admiração para Jaspers é justamente esta posição de abertura e confiança que encontramos em Psiquê. A admiração é uma experiência em que o sujeito se encontra perplexo ou espantado, mas não ameaçado. Trata-se de um encontro com algo novo, extraordinário, porém algo que seduz, que atrai.

O(A) iniciante na experiência filosófica passa por algo semelhante. O filosofar se mostra como uma experiência sedutora e, ao mesmo tempo, estranha, que gera perplexidade. O grande desafio àquele(a) que inicia o filosofar é justamente abrir-se ao conhecimento que não se mostra em sua totalidade. Trata-se de saber que o(a) filósofo(a) iniciante não tem domínio, tem alguns encontros que se repetem, em

meio à escuridão, assim como ocorrera com Psiquê. O conhecimento filosófico, diferente do conhecimento científico, não gera certeza. A relação com o conhecimento é do tipo *philos*, ou seja, um amor sem pretensão de dominar (JASPERS, 1998).

Entretanto, a filosofia não se encerra na atitude de admiração. Jaspers chama a atenção que a outra atitude necessária para filosofar é a *dúvida*. A dúvida refere-se à atitude de investigação, de criticidade, de busca pela verdade. Assim como para alguns filósofos, Lévinas (1997), por exemplo, o que move a filosofia é um *eros* pela verdade. Mesmo reconhecendo que esta verdade não poderá caber-lhe entre os dedos ou ser aprisionada por um abraço.

Esta é a experiência de Psiquê. Um amor pelo qual não é possível dominar e conhecer em sua plenitude. A esperança dela é conhecer algo do seu amado Eros na pessoa do filho que um dia sonha ter. E é Eros que diz a Psiquê que ela está grávida: “Gera-se uma criança em seu útero; divina será se souberes calar e conservar nossos segredos, mortal se os profanares” (APULEIO, 1969, p. 96). Eros, portanto, alerta Psiquê para que esta notícia não seja dita a ninguém.

Psiquê, porém é instigada a *duvidar*. As irmãs instalam no interior de Psiquê a ardil dúvida acerca do ser amado. A dúvida insuflada pelas irmãs em Psiquê jamais deixará de existir. O desejo do encontro com Eros não é mais suficiente, a partir da dúvida, é necessário conhecê-lo. Mesmo sabendo que ir nesta direção poderá quebrar a confiança depositada por Eros, correndo o risco de profanar esta relação. Mas tudo isso, não é suficiente para Psiquê. Assim como para o filósofo, uma vez iniciado o percurso da investigação filosófica, a dúvida passa a fazer parte do seu existir, uma desconfiança radical se instala em seu pensamento.

Já não se contenta com a penumbra que não permite conhecer. E, assim como o iniciante no filosofar. Psiquê também ultrapassa a experiência do puro encantamento e do conforto. Psiquê, de algum modo, já conhecia Eros. Eles conversavam, se amavam, conviviam às noites no castelo. Porém, este conhecimento, em deter-

Figura 24. As irmãs de Psiquê
Autor desconhecido



Fonte:

<http://lindseysfairytaleblog.blogspot.com/2010/10/cupid-and-psyche-vs->

minado momento tornou-se insuficiente. Era preciso *ver*. Curiosamente, a palavra grega que se refere ao olhar em profundidade é *theoria*. Teorizar é ver para além do que se mostra, é examinar, conhecer a essência das coisas. Esta foi a aventura ou desventura de Psiquê, buscar examinar, conhecer (ou *teorizar*) a pessoa de Eros. Psiquê vai ao encontro de Eros com uma lâmpada na mão. Não é a toa que a luz é um símbolo do conhecimento. O iluminismo, por exemplo, traz essa ideia. A humanidade livre da escuridão da Idade Média, apta a trazer luz por meio do conhecimento.

O processo pelo qual passa Psiquê é semelhante ao que algumas interpretações dos mitos propõem como no caso do célebre mito hindu Bhagavad Gita (KRISHNA, 1978). Psiquê passa, como na tradição hindu, inicialmente, por um processo de *devoção*, seguida de um tempo de *investigação* e, por fim, de *serviço*.



processo de *devoção*, seguida de um tempo de *investigação* e, por fim, de *serviço*.

A narrativa mitológica representa o momento de investigação quando Psiquê, em posse de uma adaga e com uma lâmpada, se dirige para Eros com o objetivo de decapitá-lo. No mito, Psiquê foi sugestionada a acreditar que Eros era uma serpente. Na mitologia, a serpente é símbolo de conhecimento. O processo de investigação de Psiquê gera um conhecimento que lhe amedronta. Esta relação com a suposta serpente quebra o estado de ingenuidade em que ela se encontrava, embora a ingenuidade fosse algo confortável. Depois da inculcação da dúvida, já não era permitido a Psiquê manter-se numa relação sem conflito. A relação com o conhecimento gera um conflito existencial.

Ao acender a lâmpada (símbolo do conhecimento), Psiquê não encontra um monstro, mas se depara com um ser tremendamente belo e sedutor. Em sua investigação ela passa a conhecer Eros em sua formosura, seus cabelos, as asas, a pele e as armas... Ao vasculhar as armas, Psiquê acaba se ferindo com a flecha de Eros o que a torna vítima de um amor sem fim, ficando absolutamente apaixonada.

Mais uma vez é possível estabelecer uma analogia com os(as) jovens iniciantes ao processo do filosofar (e de todo conhecimento científico). Uma vez iniciada a investigação, mesmo com receio e dúvida, o que se mostra acaba sendo sedutor. O conhecimento atrai, gera o desejo de saber mais. Como se fosse uma ida sem volta, o estado de ignorância e de ingenuidade já não pertence ao destino daqueles que se depararam com a beleza sedutora da verdade ou do conhecimento.

Nesse processo de investigação, Psiquê deixa cair um pouco de óleo quente sobre Eros e, nesse momento, Eros acorda. Eros ao ver sua existência totalmente revelada, foge sem proferir nenhuma palavra. Podemos relacionar o silêncio de Eros ao estágio do conhecimento em que as coisas mais importantes a serem ditas não cabem mais em discurso, assim como defendeu Wittgenstein (2001, p.7). Psiquê acabou por profanar (conhecer) sua existência. A palavra “profanar” é a “junção de duas palavras: *pro* e *fanum*. *Pro* é uma preposição que significa ‘diante de’ ou ‘perante’ alguma coisa. *Fanum* significa um templo ou lugar sagrado. Assim, *Profanus* significa literalmente ‘*diante do templo*’. Psiquê se torna profana porque se vê diante de um deus, o qual não lhe dera permissão de conhecê-lo. Após a profanação, já não faz sentido Eros permanecer junto de Psiquê, pois esta perdera sua ingenuidade, ela agora o conhece, trouxe à luz aquele que estava na escuridão. Eros se recolhe para junto de Afrodite, distante da presença de Psiquê.

Psiquê, agora, encontra-se só e consciente da sua pequenez e vulnerabilidade. Diante do Amor (Eros), ela compreende que não tem poder e, agora, está apartada da relação, longe de Eros. Psiquê passa por uma nova metamorfose. O iniciante no filosofar, assim como Psiquê, acredita que, ao conseguir se apropriar das ferramentas (simbolicamente, a lâmpada) para o conhecimento, já é possuidor do saber. Puro engano, o saber que o filósofo busca não lhe é permitido dominar. Trata-se de o Amor (Eros), de um ser alado, impossível de ser aprisionado. Semelhante aventura é proposta pelo filósofo Emmanuel Lévinas na obra *Descobrindo a Existência* (1998). Para Lévinas (1998), o *eros* filosófico que move a busca pela verdade direciona o filósofo para uma realidade outra, jamais possível de ser dominada. Lévinas irá chamar de *Infinito* esta ideia ou experiência de exterioridade:

A exterioridade do ser infinito manifesta-se na resistência absoluta que, pelo seu aparecimento – pela sua epifania – opõe a todos os meus poderes. A sua manifestação não é simplesmente o aparecimento de uma forma na luz,

sensível ou inteligível, mas já esse *não* lançado aos poderes. O seu *logos* é: 'Não matarás' (LÉVINAS, 1998, p. 210).

Psiquê descobre que estava em relação com um ser absolutamente exterior, com a marca do infinito. O amor que ela tinha somente era possível, mantendo a exterioridade ou estranheza. O esforço ou estratégia para conhecer ou se apropriar da exterioridade fracassou. Eros se afasta de Psiquê e esta é condenada a ficar só.

Porém, Psiquê não consegue mais viver sem a presença de Eros. O desejo de infinito ou do outro passa a mover a vida de Psiquê como nunca movera antes. Assim como aquele que, após iniciado na filosofia, dominando as “ferramentas” interpretativas ou filosóficas, percebe que todos os recursos que aprendeu são insuficientes para conhecer o infinito ou o saber do qual trata a filosofia.

A narrativa, a partir deste momento, apresenta Psiquê com outra atitude diante de Eros. Abandonada por Eros, Psiquê extingue a dúvida do seu ser, simbolizada no mito, pelo homicídio das irmãs, símbolo da dúvida. Parte, então, a conselho de Pã¹, em busca de Eros, na esperança de poder restabelecer a relação perdida. Eros passa a ser para o filósofo o símbolo da verdade não aprisionada.

Na mitologia, a situação de desgraça de Psiquê é conhecida por todos(as) os deuses(as), pois Afrodite, ao saber do acontecido, põe a prêmio a vida de Psiquê, nenhum deus ou mortal estava permitido a dar-lhe abrigo e qualquer um que a visse, deveria entregá-la imediatamente a Afrodite.

O primeiro lugar que Psiquê se dirige é ao templo mais próximo, o templo de Deméter, a deusa da terra cultivada. Ao chegar ao templo, encontra uma grande desordem, as oferendas espalhadas. Psiquê, no esforço de agradar os deuses, arruma o templo. Comovida com a situação e o serviço de Psiquê, a deusa Deméter aparece. Sugere que ela se entregue a Afrodite e, apesar de tratá-la com doçura, respeitando a deusa Afrodite, não dá abrigo a moça.

Psiquê se dirige a outro templo, desta vez o templo de Hera, a esposa de Zeus. Também Hera se comove com a desgraça de Psiquê. Também ela sugere que a jovem se entregue para Afrodite. E desta vez, Psiquê se convence que o único

¹A figura na mitologia grega está associada ao mestre dos heróis. É Pã que ajuda Psique a voltar à sua jornada, em busca de Eros, em busca do amor que, vida do filósofo é uma exterioridade, como propunha Lévinas.

caminho é se entregar a sogra, pois percebe que não existe outro caminho para o reencontro com Eros.

Psiquê se dirige ao palácio de Afrodite e esta a recebe com violência. A serva da deusa ao encontrar com Psiquê a puxa pelos cabelos e leva à presença de Afrodite que, enfurecida, xinga a moça rasga suas vestes e bate em sua cabeça.

Podemos fazer uma analogia à terceira atitude apontada por Jaspers para o exercício do filosofar, a *consciência da situação limite*. Psiquê toma consciência da sua desventura, da sua solidão. E, assim como Jaspers indica, nas situações-limite, quando assumidas realmente, “readquirimo-nos a nós próprios por uma metamorfose da nossa consciência do ser” (JASPERS, 1998, p. 26). Psiquê, a partir da consciência da sua perdição, inicia um longo processo de transformação, de metamorfose.

A experiência de Psiquê diante de Afrodite é justamente esta experiência que Jaspers se refere. Ela se encontra consciente da sua vulnerabilidade, da situação de absoluta limitação diante da própria vida no mundo e só resta abrir-se para uma outra relação. Neste caso, pôr-se a serviço diante de Afrodite, a deusa do Amor.

Talvez, aqui, seja possível uma aproximação com a filosofia levinasiana. A verdade que Lévinas considera como fruto da relação com a exterioridade é outrem. E nessa relação com o outro, a atitude não é a de elucidação, investigação ou compreensão, mas de serviço, de cuidado. A filosofia primeira deixa de ser compreendida como *ontologia* (trazer à luz o ser) para ser concebida como relação *ética* (relação de cuidado com o outro). (LÉVINAS, 1997, p. 214). Neste sentido, Psiquê teria chegado à “terceira margem”², encontrara a outra verdade, conseguira fazer a experiência de ser algo para além do ser e do não ser, no termo levinasiano, um “outrem”. Este “outro modo que ser” concebido por Lévinas significa um ser que é para outrem (LÉVINAS, 1999).

Para Lévinas,

Se a transcendência tem um sentido, não pode significar outra coisa, referindo-se ao *acontecimento do ser*, mas ao fato de passar ao outro modo que

² A “terceira margem do rio” é uma alusão à aporia filosófica de buscar uma terceira via para além daquela posta por Parmênides (530 a.C. a 460 a.C.) em seu poema “Da Natureza”, que considerava apenas duas alternativas ontológicas e logicamente contraditórias, *o ser e o não-ser*.

ser. [...] Passar ao *outro* que o ser, de outro modo que ser. Não *ser de outro modo*, senão *de outro modo que ser*. Tampouco – e menos ainda – não ser. (LEVINAS, 1999, p. 45).

Toda a ética levinasiana consiste nisto, em ser numa relação de cuidado do outro. O que instalaria na subjetividade humana um movimento de ir além da sua própria essência que, na opinião de Lévinas, corresponde a cuidar de si próprio. O movimento de transcendência, portanto, é justamente essa atitude de colocar-se à disposição do outrem, para cuidar dele. Esta é a atitude, enfim, que Psiquê adota diante de Afrodite. O seu conhecimento deixa de ser puramente elucidativo para ser, sobretudo, um serviço a Afrodite, a mãe de Eros ou a mãe do Amor. Psiquê sofre uma metamorfose, deixa de ser aquela que é servida e desconhece a verdade para aquela que, possuidora da verdade, torna-se uma serva.

Também Jaspers compreende uma quarta atitude filosófica.

Assim, a origem da filosofia é o espanto, a dúvida e a experiência das situações limite; mas, em último lugar e incluindo todas estas motivações, é a vontade de *autêntica comunicação* (grifo nosso). Isto revela-se logo de princípio pelo fato de toda a filosofia ansiar pela participação, exprimir-se, pretender ser ouvida; essencialmente é a própria comunicabilidade que está indissolivelmente ligada à verdade. (JASPERS, 1998, p. 32).

O mito continua com as provações impostas por Afrodite que, apesar de serem humanamente impossíveis de serem realizadas, todas são realizadas por Psiquê. Ao final, Psiquê é recebida entre os deuses e deixa de ser uma mortal. A busca pela verdade já não existe. Ela, agora, faz parte dela. Esta analogia, infelizmente, não é possível o (a) pobre do(a) iniciante à filosofia. A busca pela verdade é uma tarefa árdua, a ser assumida todos os dias, seja no movimento investigativo de encontrar a verdade que se mostra em proposições ou no movimento de se abrir ao outrem, numa atitude de cuidado e responsabilidade.

6. CONSIDERAÇÕES FINAIS

O presente trabalho buscou compreender um pouco melhor o caminho da construção da reflexão filosófica (o filosofar), lançando sobre ele um novo olhar através de uma analogia feita com o mito de Eros de Psiquê. Nesse sentido, a protagonista, Psiquê, foi comparada ao iniciante na prática do filosofar que a princípio possui a ingenuidade e a curiosidade natural de uma criança que faz perguntas e possui questionamentos, mas não faz parte “do mundo dos adultos” por não ter ainda a capacidade de pensar criticamente, por si mesma, não podendo, por isso mesmo, gerar frutos próprios, assim como Psiquê, que apesar de ser admirada por todos, não conseguia se casar, permanecendo como uma donzela.

Para passar da etapa da ingenuidade para a da consciência crítica ou da idade adulta ela precisa, conforme Ihe indica o oráculo, ser desposada em um misto de núpcias e enterro, por um monstro terrível. Ou assim Ihe parece a princípio, como pode parecer a todos aqueles que passam pelo processo de morrer com a ingenuidade para fazer nascer um pensamento crítico. Todo parto é doloroso, mas também recompensador, assim como os momentos de transformação.

Ao desposar Eros, simbolicamente o conhecimento que não se permite dominar, aquele que é fugaz e fugidio como a própria noite, Psiquê passa a viver uma vida cheia de riquezas, cuidados e regalias, em um estado de admiração e perplexidade diante de sua nova realidade, mas a condição para ter Eros sempre ao seu lado é a de não tentar vê-lo jamais. Caso quebrasse a confiança do deus, seria abandonada para sempre. Assim como aquele que se sente atraído pelo conhecimento e encontra um imenso prazer nessa relação, mas que deve manter o espírito aberto, aceitando que o conhecimento jamais se mostra em sua totalidade.

Entretanto, não se pode ficar nesse estágio de confortável encantamento para sempre, pois como todo paraíso tem uma serpente, aqui representadas pelas irmãs de Psiquê, surge, portanto, a dúvida sobre quem seria Eros. Uma vez instaurada essa dúvida, como não poderia deixar de ser, já que ao estado de admiração segue-se a etapa da dúvida e conseqüentemente da investigação, ela resolve acender uma lâmpada para ver por si mesma quem era o seu amor.

Simbolicamente este seria o momento em que o(a) filósofo(a) passa por uma enorme transformação já que a ingenuidade é perdida para sempre. Ao ter um contato direto com o conhecimento, ao querer ver, constata-se o quanto, como humanos, somos incapazes de conhecer ou dominar qualquer coisa em sua essência e isso gera ao mesmo tempo uma tremenda sensação de pequenez e um amor ainda mais poderoso pelo saber. Amor este que, desse momento em diante, será o sentido de sua vida e da sua busca.

Psiquê, ao ser abandonada por Eros, vê-se só, vulnerável e pequena, compreendendo-se incapaz de dominar um ser alado e infinito, dedica-se a busca-lo agora, havendo transformado sua relação com o conhecimento, sem a pretensão de dominar.

O desejo intenso desse ser infinito que não pode ser conquistado, passa a guiar a vida de Psiquê como nunca antes, assim como a do(a) filósofo(a) que apaixonado, lança-se em uma busca trabalhosa e exigente, ainda que saiba ser impossível alcançar o fim da linha. O propósito já não é dominar, mas sim, aproximar-se do objeto amado o máximo possível.

Em sua busca, ao colocar-se a serviço de duas deusas, Deméter e Hera, ela recebe de ambas o mesmo conselho, o de entregar-se a Afrodite. Chegando ao seu limite e sem saber mais o que fazer para encontrar Eros, ela resolve seguir o conselho das deusas. Nesse momento máximo de vulnerabilidade, Psiquê se vê em uma situação similar à que acontece no caminho do filosofar. Ao nos depararmos com uma situação-limite, necessitamos passar por uma profunda e intensa transformação. Esse momento de esvaziamento e vulnerabilidade, como nos ensina Lévinas, nos faz atingir a etapa em que o filósofo percebe que a verdade mais transcendente está no encontro com o outro, em um movimento de alteridade.

Através dessas reflexões, pudemos estabelecer uma analogia entre o processo de iniciação ao filosofar e o mito de Eros e Psiquê, o que nos possibilitou uma melhor compreensão acerca do percurso intelectual que é desenvolvido pelo sujeito que inicia a vida filosófica.

Para tanto, primeiro buscamos compreender o significado da narrativa mitológica enquanto possibilidade, dando sentido às experiências humanas, fugindo das

ideias comumente estabelecidas de que os mitos não passam de criações fantásticas que em nada se assemelham à nossa realidade.

Com essa perspectiva, analisamos o mito de Eros e Psiquê com vistas a extrair possíveis aproximações com o itinerário intelectual de uma pessoa que inicia a vida filosófica, buscando estabelecer algumas analogias que podem nos auxiliar a compreender o caminho do filosofar de forma mais profunda e humana.

O poder dos mitos está justamente nas fortes imagens que eles são capazes de criar em nossa psique e que tendem a nos marcar profundamente, mesmo na infância. Sendo assim, ao fazer uso dessas imagens para criar uma analogia capaz de nos ajudar a enxergar o caminho do filosofar, colocamos esse poder a nosso favor, tendo a possibilidade de compreender e analisar o caminho filosófico de forma que essa compreensão nos impulse e permaneça conosco durante nossa prática educativa, tanto enquanto professores como enquanto aprendizes.

Acreditamos que a analogia apresentada possa ajudar na compreensão do processo de iniciação filosófica, marcado por experiências de deslumbramento, incertezas, crises e recomeços. Como afirma Jaspers (1998), um constante estar a caminho, em busca de uma verdade que já sabe, de antemão, que nunca ter-se-á por inteira.

REFERÊNCIAS

- APULEIO, Lucius. *O Asno de Ouro*. Rio de Janeiro: Cultrix, 1969.
- BRANDÃO, Junito de Souza. *Mitologia Grega vol. 1*. Petrópolis: Vozes, 1986.
- BULFINCH, Thomas. *O livro da Mitologia*. São Paulo: Martin Claret, 2006.
- CAMPBELL, Joseph. *O poder do mito*. São Paulo: Palas Athena, 2009.
- CHEVALIER, J.; GHEERBRANT, A. *Dicionário de Símbolos*. Rio de Janeiro: José Olympio, 1995.
- DICIONÁRIO DE MITOLOGIA GRECO ROMANA. São Paulo: Abril Cultural, 1973.
- ELIADE, Mircea. *Mito e Realidade*. São Paulo: Perspectiva, 1972.
- FONSECA, João José Saraiva da. *Metodologia da pesquisa científica*. Ceará: Universidade Estadual do Ceará, 2002.
- GIL, A. C. *Métodos e técnicas de pesquisa social*. 4ª. ed. São Paulo: Atlas, 2007.
- GRIMAL, Pierre. *Dicionário da Mitologia Grega e Romana*. Rio de Janeiro: Bertrand Brasil, 2005.
- GUIMARÃES, Ruth. *Dicionário da Mitologia Grega*. São Paulo: Cultrix, 1996.
- HEIDEGGER, Martin. *Que é isto, a Filosofia? Identidade e diferença*. 2ª Ed. Petrópolis: Vozes, São Paulo: Livraria Duas Cidades, 2009.
- JASPERS, Karl. *Iniciação filosófica*. 9ª. ed. Lisboa, Portugal: Guimarães Editores, 1998.
- KRISHNA, Bhagavad Gita. São Paulo: Pensamento, 1978.
- LÉVINAS, Emmanuel. *De Outro Modo que Ser, O Mas Alla de la Esencia*. [Tradução de Antonio Pintor Ramos]. Salamanca: Sígueme, 1999.
- LÉVINAS, Emmanuel. *Descobrimo a existência com Husserl e Heidegger*. Lisboa: Instituto Piaget, 1997.
- MARTINS, Antonio Rosa. "O Problema da Analogia: da Modernidade (Hermenêutica) à Idade Média (São Boaventura)". In: QUARESMA, José (org.). *Analogia e Mediação. Transversalidade na Investigação em Arte, Filosofia e Ciência*. Lisboa, CIEBA-FBAUL / CFUL, 2012, pp. 27-47. Disponível em: https://www.academia.edu/5973798/O_Problema_da_Analogia_da_Modernidade_Hermenêutica_à_Idade_Média_São_Boaventura
- OLIVEIRA, Rodrigo Santos Monteiro – *Relações de poder e magia na obra Metamorfoses de Lúcio Apuleio* – 2009 – Disponível em: < <http://www.abhr.org.br/wp->

content/uploads/2013/01/art_OLIVEIRA_poder_magia.pdf> . Acesso em: 2 de outubro de 2018.

RAMOS, Cesar Augusto. “Aprender a filosofar ou aprender a filosofia: Kant ou Hegel?” *Trans/Form/Ação* [online]. 2007, vol.30, n.2, pp.197-217. Disponível em: <http://www.scielo.br/pdf/trans/v30n2/a13v30n2.pdf>

SANTOS, Boaventura de Sousa. Um discurso sobre as ciências. 5ª ed. São Paulo: Cortez, 2008.

SILVA FILHO, José Hilário da. *A fé: salvando uns e enriquecendo outros*. 1ª ed. São Paulo: independente, 2013.

WITTGENSTEIN, Ludwig. *Tractatus Logico-Philosophicus*. São Paulo: Edusp, 2001.

ZUFFERLI, Carla. et al. *Dicionário Etimológico da Mitologia*, 2013. Disponível em: <https://demgol.units.it/pdf/demgol_pt.pdf>. Acesso em: 25 de julho de 2018.

